

7 PERGUNTAS QUE OS EMPRESÁRIOS GOSTARIAM DE VER RESPONDIDAS

Cadeia produtiva

Investimento setorial
cresce 27% em 3 anos

Habitação

Balanco do Minha
Casa, Minha Vida



CONJUNTURA DA CONSTRUÇÃO

Conjuntura da Construção é uma publicação trimestral conjunta do SindusCon-SP e da FGV. É permitida a reprodução total ou parcial da publicação.

Diretores da FGV Projetos: Cesar Cunha Campos (Executivo), Ricardo Simonsen (Técnico) e Antônio Carlos Aidar (Controle)
Diretor de economia do SindusCon-SP: Eduardo May Zaidan
Editores: Ana Maria Castelo, Edney Cielici Dias (executivo) e Fernando Garcia
Colaboraram nesta edição: André C Michelin, Denise Inoue, Robson Gonçalves, Roseane Petronilo, Sérgio Camara Bandeira e Victor Albuquerque
Arte e diagramação: André C. Michelin
Foto da capa: Lu Santos
Jornalista Responsável: Rafael Marko, MTE 12522
Publicidade: Ana Maria Castelo, Tel.: (11) 3281 3295, Fax: (11) 3281 7891, e-mail: ana.castelo@fgv.br, Av Paulista 548 - 9º andar, São Paulo - SP, 01310-000, Tel.: (11) 3281 3254 / 7784, Fax: (11) 3281 7891, e-mail: construeditoria@fgvsp.br



Presidente: Sergio Tiaki Watanabe
Vice-presidentes: Cristiano Goldstein, Delfino Paiva Teixeira de Freitas, Francisco Antunes de Vasconcellos Neto, Haruo Ishikawa, José Antonio Marsiglio Schuvarz, José Carlos Molina, José Roberto Pereira Alvim, Luiz Antônio Messias, Marcos Roberto Campilongo Camargo, Maristela Alves Lima Honda, Maurício Linn Bianchi, Odair Garcia Senra, Paulo Brasil Batistella
Diretores Regionais: José Batista Ferreira, José Roberto Alves, Luís Gustavo Ribeiro, Luiz Cláudio Minniti Amoroso, Paulo Piagentini, Renato Tadeu Parreira Pinto, Ricardo Beschizza, Ronaldo de Oliveira Leme, Sílvio Benito Martini Filho
SindusCon-SP: Rua Dona Veridiana 55, São Paulo - SP, 01238-010, Tel.: (11) 3334 5642, Fax: (11) 3224 0566 R. 306, www.sindusconsp.com.br



Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944, como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.
Sede: Praia de Botafogo 190, Rio de Janeiro - RJ, CEP 22253-900 ou Caixa Postal 62.591 - CEP 22257-970, Tel.: (21) 2559 6000, www.fgv.br

Primeiro Presidente e Fundador: Luiz Simões Lopes
Presidente: Carlos Ivan Simonsen Leal
Vice-presidentes: Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque e Sergio Franklin Quintella
Conselho Diretor
Presidente: Carlos Ivan Simonsen Leal
Vice-presidentes: Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque e Sergio F. Quintella
Vogais: Armando Klabin, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Ernane Galvêas, José Luiz Miranda, Lindolpho de Carvalho Dias, Manoel Pio Corrêa Jr., Márcilio Marques Moreira e Roberto Paulo Cezar de Andrade
Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Antonio Monteiro de Castro Filho, Cristiano Buarque Franco Neto, Eduardo Baptista Vianna, Jacob Palis Júnior, José Ermírio de Moraes Neto, José Júlio de Almeida Senna, Marcelo José Basílio de Souza Marinho e Nestor Jost
Conselho Curador
Presidente: Carlos Alberto Lenz César Protásio
Vice-presidente: João Alfredo Dias Lins (Klabin Irmãos & Cia.)
Vogais: Alexandre Koch Torres de Assis, Dante Letti (Souza Cruz S/A), Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Edmundo Penna Barbosa da Silva, Heitor Chagas de Oliveira, Jaques Wagner (Estado da Bahia), Jorge Gerdau Johannpeter (Gerdau S.A), Lázaro de Mello Brandão (Banco Bradesco S.A), Luiz Chor (Chozil Engenharia Ltda), Marcelo Serfaty, Marcio João de Andrade Fortes, Maurício Matos Peixoto, Raquel Ferreira (Publicis Brasil Comunicação Ltda), Raul Calfat (Votorantim Participações S.A), Ronaldo Vilela (Sindicato das Empresas de Seguros Privados, de Previdência Complementar e de Capitalização nos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo), Angélica Moreira da Silva (Federação Brasileira de Bancos), Sandoval Carneiro Junior, Sérgio Ribeiro da Costa Werlang e Mauro Sérgio da Silva Cabral (IRB-Brasil Resseguros S.A)
Suplentes: Aldo Floris, Gilberto Duarte Prado, Luiz Roberto Nascimento Silva, Karine Brandão (Brascan Brasil Ltda), Ney Coe de Oliveira, Nilson Teixeira (Banco de Investimentos Crédit Suisse S.A), Olavo Monteiro de Carvalho (Monteiro Aranha Participações S.A), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Companhia Nacional de Seguros), Roger Agnelli (Cia. Vale do Rio Doce), Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco BBM S.A.), Rui Barreto (Café Solúvel Brasília S.A) e Sergio Lins Andrade (Andrade Gutierrez S.A.)

Diretor da FGV-EESP: Yoshiaki Nakano
Diretor da FGV-IBRE: Luiz Guilherme Schymura de Oliveira
Diretor da FGV-SP: Prof. Francisco S. Mazzucca
Diretor da FGV-EAESP: Maria Tereza Leme Fleury



3 Editorial

Retomada da rota de crescimento

4 Especial

7 perguntas que os empresários da construção gostariam de ver respondidas

8 Cadeia produtiva

Investimento em construção cresce 27% em três anos

11 Minha casa, minha vida

Um primeiro balanço do programa habitacional

13 Opinião

José Manoel Alvarez Lopez

A poupança conseguirá financiar o crescimento do crédito imobiliário?

15 Planejamento e negócios

Um novo perfil de gerenciamento de projetos

17 Conjuntura

O cenário que todos desejavam

20 Sondagem

Otimismo moderado

21 Indicadores da construção

Editorial

Retomada da rota de crescimento

ESTA EDIÇÃO da **Conjuntura da Construção** foi elaborada em um momento em que a economia brasileira passa por um rearranjo de expectativas e decisões de investimento. As ameaças de desaceleração aguda desapareceram. A palavra de ordem é recuperação. Nesse novo e bem-vindo contexto, os empresários brasileiros devem fazer suas escolhas. Da crise em si, há até um rescaldo positivo – os juros básicos estão mais baixos e os bancos públicos, mais prestativos na oferta de crédito. Tem-se a impressão de que a economia se encontra em condições mais adequadas para sustentar uma rota de crescimento, ainda que persistam dúvidas quanto à velocidade desse movimento. Incertezas à parte, a trajetória que se desenha parece segura.

Tendo em vista esse quadro geral, procurou-se esboçar respostas para as principais indagações que as entidades e os empresários da construção possam ter com relação ao futuro próximo. A crise acabou mesmo? A inflação setorial volta? Como melhorar as questões institucionais? Qual o balanço preliminar do programa Minha Casa, Minha Vida? Não se teve a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas sim elementos importantes para ordenar a agenda de ações do setor.

O artigo sobre a cadeia produtiva da construção, por sua vez, traz elementos importantes sobre o papel do setor no desenvolvimento do país. A contribuição da construção foi decisiva para o crescimento do PIB brasileiro, mas os desafios que o país tem que resolver no campo da habitação e da infra-estrutura indicam que a participação relativa do segmento tem que aumentar. Para isso, é necessário criar condições adequadas para aumento do crédito, como destaca em artigo José Manoel Alvarez Lopez, superintendente-executivo do Santander. Por fim, a nova seção *Conjuntura* procura sintetizar o que mais importante acontece na economia.

Boa leitura e boas decisões.

Frases

RESCALDO

// Um ano depois da quebra do Lehman Brothers, quando se explicitou a maior crise dos últimos 80 anos, o Brasil conseguiu passar por este período com bastante eficiência. O país já está saindo da crise, um dos primeiros a sair, com a cabeça erguida. Desta vez saímos fortalecidos, mais fortes do que a maioria dos outros países. (...) Está aberta a rota para que sejamos um dos países mais importantes do mundo."

Guido Mantega, ministro da Fazenda, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, em 15/09/09, segundo o site G1.

O NOVO ESTADO

// Os governos privatizam, mas acabam se tornando muito ativos na arena regulatória, criando agências. Isso de certo modo aumenta o poder do Estado, mas sem passar pelas autoridades executivas que respondem perante o eleitorado."

Linda Weiss, especialista em desenvolvimento, na *Folha de S.Paulo* de 14/09/09.

PARA FICAR ATENTO

// Nada é mais traiçoeiro que o óbvio."

Joseph Schumpeter (1883-1950), economista, em seu livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia*.

PERGUNTAS que os empresários da construção gostariam de ver respondidas

Ana Maria Castelo, Edney Cielici Dias e Robson Gonçalves



Mario Kanno/Anilisp



Afinal, a crise acabou?

CAMINHA-SE PARA o último trimestre do ano com uma sensação de alívio. O desenrolar da crise se deu de forma mais próxima das previsões otimistas, embora persistam incertezas com relação ao desempenho de grandes economias, em especial a norte-americana. Algo parece suficientemente claro: quem não apostar na retomada da economia brasileira estará cometendo um erro estratégico. Tendo em vista isso, a **Conjuntura da Construção** procurou levantar de forma sucinta, algumas questões relevantes para os empresários do setor. A primeira delas está obviamente relacionada com provável desempenho econômico do Brasil e do mundo.

As estatísticas internacionais dão boas pistas para responder a essa indagação. Desde agosto, o Brasil ingressou no restrito grupo de países que saíram da chamada recessão técnica. O sentimento pre-

dominante de que o pior já passou vem sendo substituído por perspectivas de retomada sustentada das atividades, com a revisão de expectativas. O relativo pessimismo instalado após dois trimestres de queda do PIB ficou para trás e se consolidou o consenso de que o crescimento será positivo em 2009.

Razões para essa inflexão não faltam. A economia brasileira conseguiu sustentar os níveis de renda e emprego que ou foram pouco afetados ou já ultrapassaram os patamares anteriores ao início da crise. Com isso, ingressa-se em uma nova fase do processo de recuperação. Encerrada a etapa de estímulo emergencial ao consumo, já se pode notar a melhora progressiva das expectativas de longo prazo, o que implica retomada de investimentos. Essa mudança de foco mostra que o horizonte de planejamento dos empresários está se ampliando e a confiança na expansão

futura do mercado está sendo restaurada. Quem não investir agora ficará para trás? A resposta parece ser positiva.

Além disso, existe uma herança benéfica deixada pela crise. A taxa básica de juros da economia foi reduzida fortemente e, ainda que sofra alguma correção ao longo de 2010, não trará de volta a taxa real de dois dígitos, apontada como um entrave ao crescimento brasileiro. A ação dos bancos públicos na oferta de crédito alterou o padrão de concorrência no segmento. Espera-se que o nível dos *spreads* bancários tenha sido reduzido de forma permanente. As medidas de estímulo ao investimento, tanto no crédito quanto no campo tributário, também podem adquirir caráter definitivo. Enquanto muitos países discutem o fim das medidas de estímulo à demanda, o Brasil está deixando a crise com uma herança duradoura que o capacita a retomar de forma efetiva o ciclo de crescimento.

Como conseguir avanços na questão tributária?



EXISTEM DUAS constatações inescapáveis sobre a questão tributária brasileira: a necessidade de uma ampla reforma e a imensa dificuldade de realizá-la. Do ponto de vista técnico, as diretrizes são claras. É preciso reduzir o número de tributos, favorecendo a poupança e o investimento de longo prazo. Sendo assim, quais os obstáculos à reforma?

Um dos nós mais difíceis da questão é o mito de que reduções de alíquotas levam a menores níveis de arrecadação. Recente estudo da **FGV Projetos** mostrou que houve forte crescimento da arrecadação de impostos e contribuições da cadeia produtiva da construção em 2008 paralelamente à redução da carga tributária – casos do IPI e do grupo PIS-Cofins. Em outras palavras, liberar o setor produtivo do peso tributário é também uma boa maneira de aumentar a receita, que

passa a crescer em razão do aumento da atividade.

O outro nó da questão tem caráter político. Como todo arranjo institucional federativo, os critérios de distribuição inter-regional da arrecadação tributária são um potencial foco de disputa. E a discussão da reforma reacende debates acalorados. Mas as políticas implementadas pelos governos federal e estaduais durante a crise recente mostram que talvez seja possível avançar em alguns pontos de grande interesse para a cadeia da construção.

A desoneração de IPI para máquinas e equipamentos e para materiais de construção é um exemplo. No momento em que a crise dá sinais de estar chegando ao fim, cabe discutir se essa desoneração não deveria ter caráter permanente. Diferentemente das reduções de impostos

para bens de consumo, a desoneração de bens de capital e materiais tem impactos tanto sobre o crescimento no longo prazo quanto sobre o bem-estar das famílias de menor renda. Não se trata, portanto, de medida de caráter meramente emergencial e anticíclico, mas de uma forma de orientar a estrutura tributária em favor do crescimento sustentado e da redução das disparidades sociais.

O que também está em jogo é uma questão de diretriz. O sistema tributário precisa ser mais simplificado e eficiente, de forma a não se constituir em fator restritivo para os setores dinâmicos da economia, geradores de emprego e renda. A cadeia construção, altamente empregadora, ocupa um papel estratégico na economia e deve ser tratada com atenção também nesse aspecto.



Como fica o financiamento à produção?

NO PRIMEIRO semestre de 2008, o financiamento à produção de imóveis realizado a partir dos recursos da poupança atingiu R\$ 6,6 bilhões, um crescimento de 142% em relação ao ano anterior. Os números traduziram o momento excepcional que vivia o setor da construção, especialmente a área imobiliária. Mas o cenário mudou bastante com a crise econômica. Os bancos se tornaram mais seletivos devido à maior percepção de risco e os efeitos para as empresas foram muito negativos. No primeiro semestre de 2009, o financiamento à produção com recursos da poupança caiu para R\$ 4,7 bilhões, ou seja, sofreu queda de 28%.

Essa mudança justificou uma das ações mais imediatas do governo durante o auge da escassez de crédito: a criação de uma linha de R\$ 3 bilhões para o capital de giro das construtoras. Neste mês de setembro,

o Conselho Curador do FGTS aprovou a liberação de mais R\$ 3 bilhões para recompor essa linha. É importante notar a forma como esses recursos chegaram às mãos das empresas. Elas se associaram e criaram fundos de investimento imobiliário com a rentabilidade ligada aos projetos. As cotas desses fundos foram adquiridas pelo FGTS a partir da nova linha de crédito. Outra forma igualmente interessante que o repasse às empresas assumiu foi a compra de debêntures emitidas pelas construtoras.

Nos últimos meses, a queda da Selic e a redução da incerteza melhoraram as condições de crédito para as empresas em geral. Os bancos privados retomam o foco no mercado imobiliário e o investidor externo volta a olhar para as empresas do setor de forma positiva. No entanto, a discussão em torno de novos mecanismos de financiamento para o setor e, princi-

palmente, de novos *fundings* ultrapassa a questão da crise de crédito.

Na verdade, começa-se lentamente a voltar ao cenário anterior à crise, quando as altas taxas de crescimento do mercado tornaram o produto imobiliário bastante atrativo. De fato, além da abertura de capital promovida por algumas empresas, existem outras opções de captação de recursos no mercado ainda pouco difundidas, especialmente no segmento para imóveis residenciais. Com a recuperação da economia e a queda nas taxas de juros, a rentabilidade assume novamente maior peso para o investidor, o que amplia as possibilidades dos empreendimentos imobiliários residenciais. Assim, volta a ganhar importância a necessidade de maior desenvolvimento de um mercado secundário doméstico, de forma a ampliar o *funding* da construção.

Quais as perspectivas de crédito ao consumidor?



NO ÚLTIMO trimestre de 2008, houve uma desaceleração no ritmo de concessão de financiamentos na comparação com o trimestre anterior, no entanto, na comparação com o mesmo período de 2007, o crédito com recursos da poupança destinado à compra de imóveis novos ou usados continuou crescendo. Em 2009, nos primeiros seis meses, houve um aumento em relação a 2008. Nesse período de crise, a ação da Caixa Econômica Federal foi importante para assegurar o volume de recursos compatível com a procura. Vale notar que houve uma mudança na composição dos financiamentos, com os agentes preferindo financiar pessoas físicas.

De todo modo, a maior facilidade das famílias para obter crédito para aquisição de um imóvel está diretamente relacionada às fontes cativas que o setor dispõe, a

poupança e o FGTS, que nos últimos anos asseguraram uma expansão extraordinária do crédito imobiliário. O ingresso do Banco do Brasil nesse mercado veio contribuir para aumentar a disputa pelo comprador, que hoje dispõe de condições razoavelmente favoráveis de prazo e de taxas.

Em 2009, a oferta esperada de crédito para as famílias com recursos da poupança deve se manter pelo menos no mesmo patamar de 2008. E as famílias com menos de 10 salários contarão com situação igualmente vantajosa garantida pelos recursos do Minha Casa, Minha Vida. No curto prazo, portanto, as perspectivas para o crédito imobiliário destinado à pessoa física não devem se alterar de forma significativa. Trata-se de algo positivo, mas traz embutido um problema, pois as



fontes atuais não permitirão grandes avanços no futuro.

Essa é uma questão recorrente, cuja resolução representa a possibilidade de o investimento em habitações dar um novo salto. Experiências internacionais – como as do Chile, do México e da Coréia – mostram a importância do investimento habitacional para o crescimento econômico. O país viveu essa experiência especialmente nos últimos dois anos, mas agora há que se avançar. Para mudar de patamar e atender a demanda crescente das famílias nos próximos anos, o FGTS e a poupança não serão suficientes. Será necessário expandir as fontes existentes, o que nos remete novamente para o problema também presente na discussão do financiamento à produção, ou seja, de criação de novos *fundings*.



O que esperar com relação à infra-estrutura?



O PROGRAMA de Aceleração do Crescimento (PAC) representou o reconhecimento governamental da necessidade de elevar os investimentos em infra-estrutura no país. No entanto apenas 13% do valor total previsto para o programa viriam do orçamento da União. Todo o restante teria que vir das estatais ou da iniciativa privada. Estava colocada então uma necessidade expressiva de financiamento para a área nos anos seguintes considerando apenas os projetos do PAC. O BNDES assumiu uma parte importante dessa tarefa: entre 2006 e 2008, os desembolsos para infra-estrutura cresceram 122%. No entanto, o ambiente externo de grande liquidez também favoreceu o financiamento privado: fundos estrangeiros à procura de projetos de longo prazo representaram uma fonte de recursos importante até meados de 2008.

Com a crise, essas fontes desapareceram e o BNDES assumiu uma parcela ainda maior do financiamento à infra-estrutura. Nos 12 meses até julho de 2009, os desembolsos para infra-estrutura atingiram R\$ 42,6 bilhões, um crescimento de 31%. Mas isso fica ainda aquém das necessidades. Em abril, a ABDIB (Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base) contabilizava uma carteira de projetos de infra-estrutura com contratos assinados de R\$ 220 bilhões. A exploração do petróleo no pré-sal irá representar uma necessidade adicional expressiva: o BNDES estima em US\$ 80 bilhões o volume de recursos para o desenvolvimento da cadeia. Nos próximos anos, as obras para a Copa do Mundo irão reforçar ainda mais a demanda por recursos.

Embora o BNDES tenha assumido um papel preponderante no financiamento

da infra-estrutura, o próprio banco enfatiza as limitações de seus recursos. Assim, o desafio de elevar a taxa de investimento do país passa pela criação de mecanismos para financiamento de longo prazo com recursos privados.

Algumas alternativas começam a se consolidar, como o Fundo de Investimento FI-FGTS criado pelo PAC – até o primeiro semestre de 2009 havia desembolsado R\$ 11,2 bilhões. Os fundos de investimentos representam uma alternativa importante de recurso de longo prazo: os seis maiores fundos de investimento em participações (FIP) voltados para a infra-estrutura possuem capital de R\$ 3,4 bilhões, um valor reduzido em face das necessidades do setor, mas que pode crescer significativamente em um cenário de queda da taxa de juros e com o retorno do capital estrangeiro.

Há risco de a inflação setorial voltar a ser uma ameaça?



AMEAÇA inflacionária rondou a economia brasileira em 2008 e assustou o setor da construção. O crescimento chinês da cadeia nos últimos anos levou a indústria de materiais a atingir níveis muito altos de utilização de sua capacidade. Em outubro de 2008, esse indicador chegou a seu ponto máximo, 88%.

Com a crise, a indústria de materiais e o comércio sofreram grande queda nas vendas. A diminuição na demanda, a desoneração tributária e a queda no preço de importantes *commodities* contribuíram para que a inflação setorial caísse fortemente. Em agosto, o INCC Materiais havia se reduzido para 2,73% em 12 meses.

Com o reaquecimento da economia, há preocupações especialmente por parte das construtoras. Sérgio Watanabe, presidente do SindusCon-SP, destaca que o nível de atividade das construtoras foi pouco

impactado com a crise e, portanto, a demanda por materiais continuou elevada. Agora, com o programa habitacional do governo, há grandes possibilidades desse ritmo se intensificar. A última sondagem realizada com os empresários da construção mostra que esse temor é generalizado entre as empresas.

Para Melvyn Fox, presidente da Abramat (Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção), a ociosidade na indústria de materiais ainda é alta, entre 18% e 20%. Ele destaca que os preços de alguns segmentos seguem as tendências do mercado internacional, onde os preços das *commodities* continuam deprimidos – além disso, há sinais de retomada dos projetos de investimento em alguns segmentos da indústria. Assim, os riscos de novas pressões de custos na construção seriam baixos.

No que se refere ao custo da mão-de-obra, os acordos salariais têm se dado em um patamar acima da inflação. Em agosto, o INCC Mão-de-obra acumulou alta de 7,82% em 12 meses, contra 4,44% do INPC. Haruo Ishikawa, vice-presidente do SindusCon-SP, destaca que as empresas têm feito um grande esforço de qualificação, em parceria com o Senai, com o objetivo de ampliar a oferta de mão-de-obra e aumentar a produtividade.

De uma maneira geral, é importante frisar que, em um ambiente competitivo, a desoneração da cadeia produtiva e novos investimentos para ampliação da capacidade de produção serão elementos fundamentais para reduzir as fontes de pressão inflacionária. É preciso estar preparado para crescer e lucrar de forma sustentada, o que implica capacidade negociação em benefício de todos.



Como domar a burocracia?

OPREÇO da desburocratização parece ser a eterna vigilância. O programa Minha Casa, Minha Vida sinalizou uma série de simplificações importantes no âmbito de tramitação da Caixa Econômica Federal – o que constitui uma iniciativa louvável e que precisa ser aprofundada em várias frentes. Como se sabe, a burocracia reduz o retorno do capital e reprime investimentos promotores do crescimento – a baixa capacidade de governança do setor público é um dos mais importantes fatores que restringem o desempenho da economia, pois aumenta o custo das inversões e restringe a produtividade do capital e da mão-de-obra.

A análise da burocracia em uma perspectiva internacional, conforme demonstram estudos desenvolvidos pela **FGV Projetos**, mostra que países com grau de desenvolvimento institucional mais elevado possuem níveis de PIB por trabalhador mais altos. Em outros termos,

considerados os demais fatores que interferem no processo de desenvolvimento, os países cujos governos são mais efetivos na implantação e suas políticas e cujas burocracias são menos morosas têm um nível de renda mais elevado.

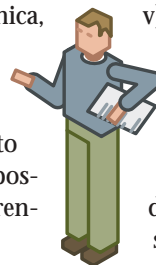
O combate à burocracia envolve, no entanto, uma mudança de abordagem, uma ruptura de padrão. É necessário que o ímpeto simplificador norteie os procedimentos do setor público. O combate à morosidade burocrática deve tratar tanto das exigências legais como do andamento real dos processos. É necessário também que atuação das burocracias das diferentes esferas de governo seja harmônica, sem prejuízo para os cidadãos.

Esse é um aspecto é particularmente relevante para a construção – as normas de licenciamento ambiental, por exemplo, são sobrepostas e não raro conflitantes em diferentes níveis de governo.

Para o setor da construção, é importante que haja:

- i) racionalização do processo de aprovação de obras em nível municipal, de modo a conferir mais rapidez transparência nos processos;
- ii) integração das burocracias das três esferas de governo em torno de um processo único;
- iii) criação de comitês de avaliação dos procedimentos burocráticos, com participação da iniciativa privada;
- iv) esforço para a criação da matrícula única do imóvel;
- v) o aparelhamento adequado da fiscalização, que deve ser rápida e transparente.

Em suma, não há uma solução geral, mas várias frentes de atuação que merecem a atenção das entidades representativas do setor.



Cadeia produtiva

Investimento em construção cresce 27% em três anos

Enquanto o PIB da cadeia registrou uma expansão de 14,2% em 2008 na comparação com 2007, a arrecadação tributária cresceu 18,1% em termos reais

Edney Cielici Dias e Fernando Garcia

O CRESCIMENTO brasileiro dos últimos anos, como se sabe, esteve intimamente ligado ao desempenho da construção e os números dessa cadeia produtiva, pesquisados anualmente pela **FGV Projetos**, ajudam a qualificar como isso se deu. O volume de investimentos em construção atingiu R\$ 258,6 bilhões em 2008, ou 43% de tudo o que foi investido no país no ano. Com relação a 2005, essa inversão cresceu 27% em termos reais, ou 8,3% na média anual. Isso teve reflexos diretos: mais de 10 milhões de empregos na cadeia da construção e um valor adicionado que supera 9% do PIB nacional. Trata-se sem dúvida de um desempenho notável, mas, levando-se em consideração a perspectiva histórica, talvez seja melhor enxergar esses resultados como um excelente começo na retomada da trilha do desenvolvimento. Excelente, mas apenas começo.

Para fundamentar essa perspectiva, basta recordar o quanto o Brasil necessita em termos de infra-estrutura em geral – estradas, aeroportos, portos, estádios para a Copa. Acrescente-se a isso a necessidade de minorar as deficiências em habitação e infra-estrutura urbana, de forma a eliminar o déficit habitacional e equacionar os graves problemas das cidades. Em uma comparação rápida, basta lembrar que o investimento em construção representou 57% do total do investimento no período do “milagre econômico” (1967-1973), quando foi construída boa parte das obras estrutu-

ENTENDA A PESQUISA DA FGV PROJETOS

Os trabalhos da FGV Projetos sobre a cadeia produtiva da construção, elaborados em parceria com a Abramat, traçam estimativas exclusivas que projetam os resultados das estatísticas oficiais, que são divulgadas com uma boa defasagem de tempo. As Contas Nacionais trazem informações consolidadas apenas até 2006. Os dados de 2008 do IBGE ainda são preliminares e foram estimados a partir de informações setoriais de evolução de preços e de quantidades físicas.

As informações setoriais de vendas e produção partiram da Abramat, da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE e de associações setoriais (IBS, Snic etc.). Os dados de emprego e remunerações vieram do sistema Rais/Caged do Ministério do Trabalho e Emprego e da pesquisa mensal de emprego e desemprego do IBGE. A evolução de preços dos vários produtos e serviços, por sua vez, foi obtida nos indicadores produzidos pela FGV (INCC e IPA) e nos dados do Sistema Nacional de Preços ao Consumidor do IBGE.

Para estimar os valores de renda, emprego, investimento etc. de cada setor, a inferência baseou-se nas relações técnicas de produção obtidas nas matrizes insumo-produto.

rantes do país. Hoje elas são insuficientes e, em dada medida, obsoletas.

Crescimento e desoneração

O desempenho da cadeia no período foi resultado da conjunção do cenário macroeconômico estável e de aperfeiçoamentos institucionais no âmbito setorial. Foram particularmente relevantes a queda na taxa de juros e o crescimento da renda, que garantiram um ambiente de estabilidade econômica favorável à expansão do crédito e à tomada de recursos por parte das famílias. Mas um fator de suma importância é o fato de a construção passar a ser identificada pelo governo como um dos motores do desenvolvimento. Nesse sentido, medidas de política econômica de estímulo às atividades da cadeia têm sido fundamentais na criação de um ambiente favorável ao aumento do investimento.

Houve, no campo tributário, desonerações importantes para o setor. A lei 11.196, de 2005, determinou a volta da cumulatividade do PIS e da Cofins nos contratos de incorporação imobiliária e disciplinou os casos de isenção do Imposto de Renda na venda de imóveis residenciais. Posteriormente, seguiram-se outras medidas que favoreceram diversos elos da cadeia. Em 2006, o governo iniciou um movimento de redução do IPI de vários materiais de construção que hoje contempla mais de 90 itens.

Outras medidas de desoneração vieram no bojo dos dois principais planos de estímulo ao investimento. No âmbito do

Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), houve a suspensão da cobrança do PIS e da Cofins na compra de insumos e serviços utilizados pela construção civil em novos projetos de longo prazo de infra-estrutura. Para este ano, o programa habitacional Minha Casa, Minha Vida trouxe um Regime Especial Tributário, com redução de seis pontos percentuais nos tributos federais (PIS/Cofins/CSLL e IRPJ) das moradias voltadas às famílias baixa renda.

A cadeia da construção recolheu aos cofres públicos em 2008 um total de R\$ 54 bilhões. Desse valor, R\$ 23,4 bilhões eram referentes a impostos sobre a produção e importação e R\$ 30,6 bilhões, a impostos sobre a renda e a propriedade. A construção civil, centro da cadeia produtiva, recolheu R\$ 26,1 bilhões e a indústria de materiais, R\$ 10,9 bilhões. Esse volume expressivo de arrecadação mostra que a desoneração é mais que compensada pelo aumento de atividade. Em outras palavras, o acréscimo de volume de produção da construção implicou um aumento de arrecadação superior à magnitude da renúncia fiscal.

Enquanto o PIB da cadeia registrou uma expansão de 14,2% em 2008 na comparação com 2007, a arrecadação tributária cresceu 18,1% em termos reais. A construção civil teve um aumento de 13,7% do volume de impostos pagos, percentual superior ao crescimento do PIB do segmento no período, que foi de 12,5%. O aumento mais significativo da arrecadação se deu, no entanto, na indústria de materiais de construção, com um percentual de 24%, superior ao crescimento de seu PIB, de 19%.

Construção civil e indústria

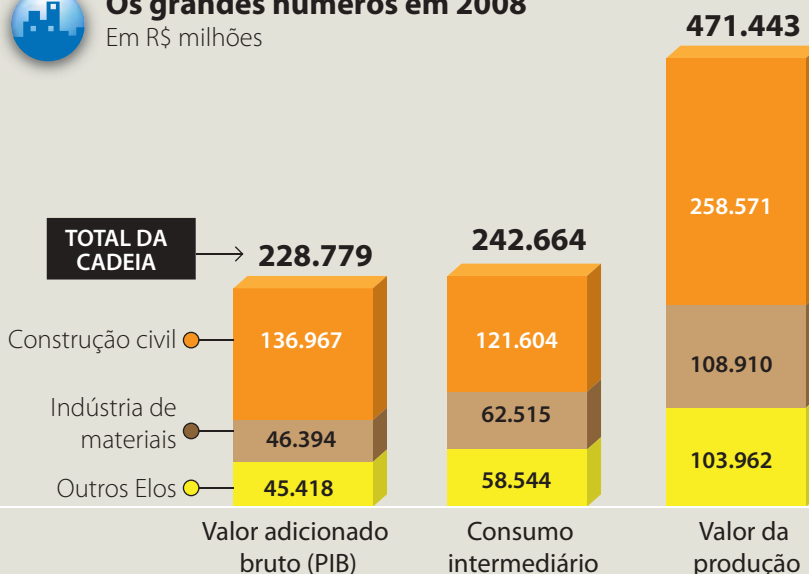
Nesse cenário favorável, os empregos aumentaram quase 18% na cadeia da construção e o PIB teve um crescimento de 27% em termos reais, na comparação 2008 contra 2005. No elo da indústria de materiais de construção, o aumento de vendas ultrapassou os 33% reais nesse período. Embora o crescimento tenha sido disseminado por todos os elos da cadeia, a área imobiliária se destacou. Contribuíram para isso a evolução da renda e a expansão vigorosa do crédito

RAIO-X CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO



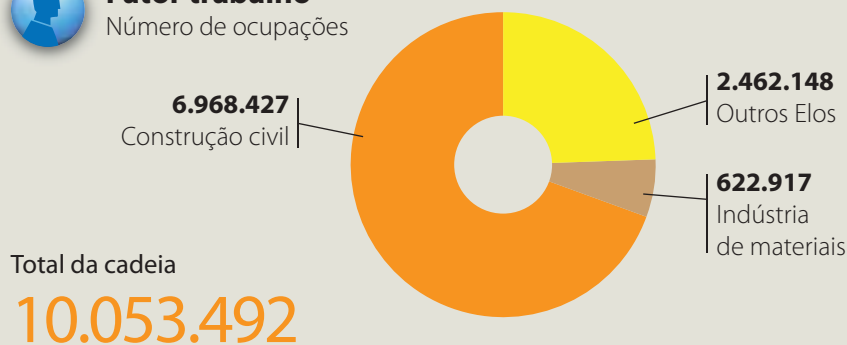
Os grandes números em 2008

Em R\$ milhões



Fator trabalho

Número de ocupações



Destaques da cadeia produtiva da construção

| | | |
|---|---|--|
| Respondeu por 9,2% do PIB brasileiro no ano de 2008 | Aumentou 1,2 ponto percentual a participação no PIB em relação a 2005 | Pagou R\$ 54 bilhões em tributos em 2008, uma carga de 23% |
|---|---|--|

Participação na renda e no emprego

| | Construção civil | Indústria de materiais | Comércio (atacado e varejo) | Setor de serviços |
|----------------|------------------|------------------------|-----------------------------|-------------------|
| Renda | 59,9% | 20,3% | 8,4% | 6,0% |
| Emprego | 69,3% | 6,2% | 7,1% | 3,9% |

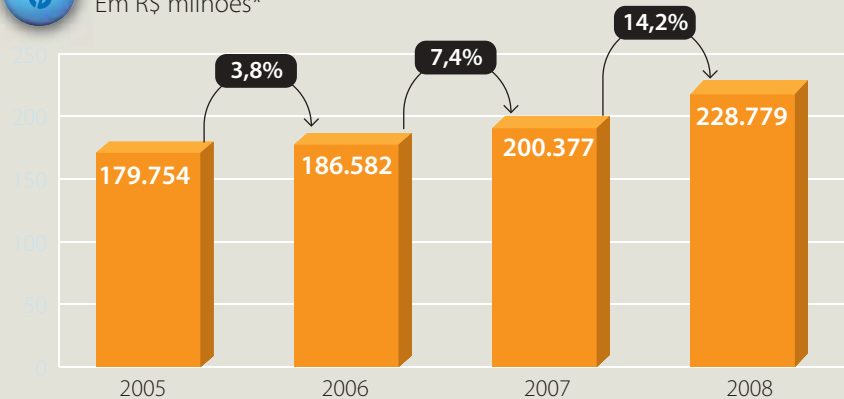
Fonte: FGV. *proprietários e sócios, empregados com e sem carteira e trabalhadores autônomos.

A EVOLUÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO



Valor adicionado (PIB)

Em R\$ milhões*

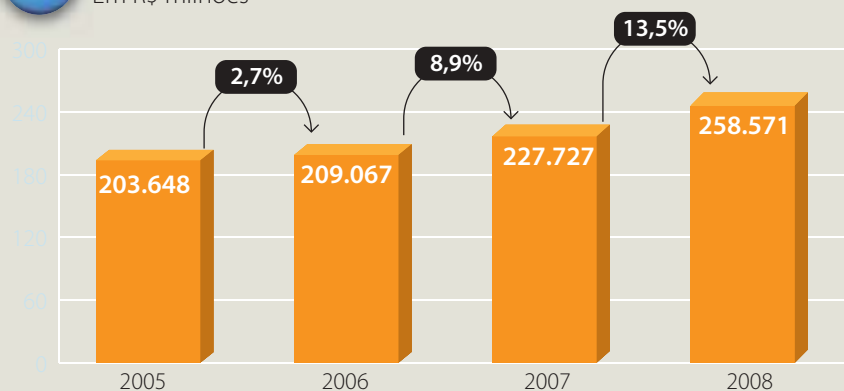


Fonte: FGV. *a preços de 2008.



Investimento em construção

Em R\$ milhões*

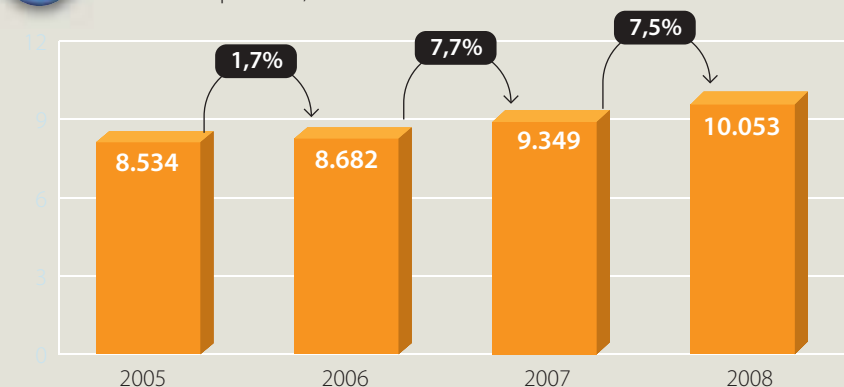


Fonte: FGV. *a preços de 2008.



Pessoal ocupado*

Número de pessoas, em mil



Fonte: FGV. *proprietários e sócios, empregados com e sem carteira e trabalhadores autônomos.

imobiliário e a capitalização de empresas da construção.

O desempenho da cadeia produtiva da construção se refletiu no aumento relativo de sua participação no PIB. Em 2005, a cadeia produtiva representou 8% dos bens e serviços produzidos no país e, no ano passado, esse percentual saltou para 9,2%. Em números absolutos, a cadeia da construção foi responsável por um PIB (valor agregado) de R\$ 229 bilhões em 2008.

A comparação dos dados da cadeia entre 2007 e 2008 mostra grande aceleração das atividades. Considerando-se todo o ciclo recente de expansão (2005-2008), o PIB da construção civil se expandiu 24,4% e o da indústria de materiais, 32,1%. A construção civil é responsável pela maior contribuição ao valor agregado na cadeia, com R\$ 137 bilhões, ou 60% do total – essa cifra correspondeu a 5,6% do PIB brasileiro de 2008. A indústria de materiais de construção, por sua vez, respondeu por 1,9% do PIB do país em 2008, o que significa um valor adicionado de R\$ 46,3 bilhões, ou 20% do PIB da cadeia da construção. As atividades de comércio e serviços apresentam uma participação menor, com 8,4% e 6,0% do valor adicionado da cadeia, respectivamente.

10 milhões de empregos

Um fator distintivo da cadeia da construção é sua alta capacidade de gerar empregos, o que potencializa os efeitos positivos de sua expansão na economia. A criação de oportunidades foi fundamental para o crescimento da renda das famílias. De 2005 a 2008, a cadeia foi responsável pela criação de mais de 1,5 milhão de postos de trabalho no país, sendo 1 milhão na construção civil e o restante nos demais elos. A expansão vertiginosa do setor em 2008 significou 700 mil novos empregos em relação ao ano anterior. No mesmo ano, a cadeia como todo manteve mais de 10 milhões de ocupações, entre empregados (com e sem carteira de trabalho), trabalhadores autônomos e proprietários.

As remunerações do trabalho (salários, pro labore e pagamento a terceirizados) foram de R\$ 77 bilhões em 2008. Na construção civil, foram pagos R\$ 44 bilhões; na indústria de materiais de construção, quase R\$ 13 bilhões.

Minha casa, minha vida

Um primeiro balanço do programa habitacional

Ana Maria Castelo

CONSTRUIR UM milhão de casas populares. Com esse escopo, o Minha Casa, Minha Vida (MCMV) ganhou imediatamente a adesão entusiasmada dos principais representantes da cadeia da construção. Depois de mais de cem dias de vigência do programa, que começou a operar em abril, já se pode ter um olhar mais acurado e verificar se o entusiasmo continua e, principalmente, se a meta é factível dentro do mandato do presidente Lula. Para realizar essa análise, foram considerados os números divulgados pela própria Caixa Econômica Federal e ouvidas algumas das principais instituições do setor e empresas envolvidas.

Segundo a Caixa, até 28 de agosto foram recebidas 1.430 propostas de empreendimento, abrangendo 276,9 mil unidades habitacionais, sendo 43% na faixa até 3 salários mínimos. Do total de propostas, 702 estavam com documentação adequada e passaram para análise e 245 foram contratadas, o que representa o início do processo de construção de 41,5 mil moradias, envolvendo recursos equivalentes a R\$ 2,653 bilhões. Esse primeiro balanço mostra que em quatro meses e meio menos de 5% da meta foi contratada. Ou seja, os números ainda são relativamente acanhados.

Parte dessa timidez pode ser atribuída a uma greve no corpo técnico da Caixa, que durou cerca de 90 dias e contribuiu para retardar a análise das propostas apresentadas. No entanto, além da questão pontual da greve, boa parte dos empresários identifica dificuldades importantes que estão impedindo o programa de andar em ritmo acelerado.

É importante lembrar que existe uma segmentação de público-alvo que na prática faz com que existam dois programas

distintos dentro do MCMV. O primeiro tem como público-alvo a faixa de renda familiar até 3 salários mínimos e opera com subsídio quase integral. O segundo atende famílias com renda entre 3 e 10 SM e possui subsídios escalonados (até 6 salários) junto com um financiamento assegurado por uma fundo garantidor (FGHab).

No primeiro segmento, a demanda deve ser organizada previamente pelas prefeituras ou associações. As unidades habitacionais têm um valor máximo estabelecido de acordo com a região e, depois de prontas, serão adquiridas pela Caixa e distribuídas por sorteio ou outros critérios estabelecidos pelo programa entre as famílias cadastradas. No segundo segmento, as unidades habitacionais são produzidas pelas construtoras e vendidas diretamente às famílias que terão acesso ao financiamento do programa.

Os problemas relacionados por entidades e empresas são muito semelhantes em grande parte do país e são considerados maiores no segmento do programa que se direciona para a faixa de renda mais baixa, que prevê a compra das unidades pela Caixa. Para boa parte das empresas e instituições consultadas, a principal dificuldade nesse segmento está relacionada ao custo elevado do solo em relação ao valor limite das unidades habitacionais. Isso porque o custo do terreno tem um peso maior nesses centros urbanos, o que torna as margens das construtoras muito reduzidas. Para a Apeop (Associação Paulista de Empresários de Obras Públicas), a margem reduzida poderia ser compensada com a escala. No entanto, tem sido estabelecido um limite de unidades por empreendimento que em algumas situações compromete sua viabilidade.

Outra dificuldade que também contribuiu para reduzir as margens do empreendimento diz respeito aos parâmetros aceitos pela Caixa para a composição de custo de construção. O **SindusCon-SP** aponta que esses parâmetros ainda não são uniformes em todas as agências da Caixa e que isso tem sido uma das causas de demora na aprovação das propostas. A própria aprovação do projeto em algumas situações tem sido determinante dessa demora. Embora todos reconheçam o tempo entre a entrada e a saída das propostas na Caixa tenha, de fato, sido reduzido, ele ainda precisa melhorar sensivelmente. Para o Secovi, o sindicato da habitação, ainda é necessário maior simplificação de procedimentos para que a meta do programa seja exequível. Atualmente, as empresas têm que passar duas vezes pelo trâmite de aprovação do projeto: uma na prefeitura e outra na Caixa. O que pela própria regulamentação do programa não deveria ser necessário, pois os projetos ao serem encaminhados à Caixa já foram previamente aprovados nas prefeituras.

Segundo a CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção), parte das dificuldades encontradas também se deve ao fato de que as várias parcerias previstas no escopo do programa, que deveriam envolver as prefeituras, agências da Caixa e construtoras ainda estão sendo viabilizadas e em algumas regiões caminham em ritmo mais lento. E essa é uma questão que explica o ritmo diferente do programa nas diferentes regiões do país. Em Sergipe e na Bahia, por exemplo, o número de contratações efetivadas já é mais de 50% do total previsto inicialmente para estes Estados. Por outro lado, na Paraíba e no Ceará foram contratados menos de 10%.

Todas essas dificuldades observadas para as contratações no segmento de 0 a 3 SM começam a levar algumas empresas a pensarem em migrar para a faixa superior, de 3 a 6 SM e de 6 a 10 SM, consideradas mais fáceis e com maior rentabilidade. No entanto, nessa fase inicial o percentual de projetos contratados continua a obedecer à meta de 40%.

Aperfeiçoamentos

O MCMV foi lançado em um contexto em que o mercado começava a trabalhar com os segmentos de baixa renda. A expansão do crédito habitacional e, principalmente, a redução dos juros vinham permitindo às empresas atenderem às famílias com renda entre 5 a 10 salários mínimos. Com o aumento dos recursos

nas regionais da Caixa em suas diretrizes de avaliação e aprovação de projetos; e iii) discrepância entre a avaliação inicial, quando o imóvel é avaliado na planta e depois que é entregue. Essa diferença pode gerar um valor adicional inesperado a ser complementado pela família na etapa final.

É importante notar que as dificuldades com a burocracia também existem para as faixas de renda superior. Nos municípios menores, enfrenta-se a falta de estrutura das prefeituras em dar conta de um número grande de projetos. Outra dificuldade que permeou o programa em sua fase inicial foi adesão dos cartórios. A lei que criou o MCMV estabeleceu isenção e desconto das custas cartorárias para as famílias e incorporadoras nos projetos do programa.

ração. Embora a Caixa afirme que essas famílias terão o seguro, o risco torna-se maior para os demais agentes financeiros. Assim, tem-se outra grande lacuna nessa fase inicial: a falta de participação dos agentes privados.

Entusiasmo

É importante ressaltar que todas as entidades e empresas consultadas antes de apontarem suas críticas enfatizam que seu entusiasmo continua. Segundo a CBIC, o MCMV é um belo programa para a baixa renda, vai dar certo e até agosto de 2010 deverá ter pelo menos 70% de sua meta contratada – mas não se pode perder de vista que é somente o piloto para o grande programa que deve ser feito para erradicar o déficit habitacional.



Cidades menores não têm estrutura para aprovar projetos

Elza Fiuza/ABr

Dificuldades operacionais estimulam as empresas a deixar a baixíssima renda e as fazem operar nas faixas superiores a três salários mínimos

para subsídios e a redução dos juros promovidas pelo MCMV, mais famílias foram inseridas no mercado habitacional. Assim, construtoras que já atendiam em grande parte essas famílias aumentaram ainda mais sua produção para esse público. No entanto, existem dificuldades.

A construtora Tenda menciona especialmente três aspectos que devem ser melhorados: i) maior adequação da avaliação do imóvel feita pela Caixa à avaliação do mercado; essa questão em parte está relacionada a outro problema que é: ii) a falta de uniformidade de conduta

No entanto, especialmente em São Paulo, tem se encontrado resistência ao cumprimento da lei. A questão tem sido discutida com as entidades representativas do setor de forma a se tentar uma solução.

Por fim, outra questão que esse segmento enfrenta diz respeito a não aprovação no Estatuto do FGHab. Vale lembrar que para essa faixa de renda que complementa os recursos subsidiados com os recursos do FGTS, ou que vai financiar quase integralmente a sua aquisição, a garantia do FGHab é muito importante. Sem o estatuto, o fundo ainda não está em ope-

As empresas privadas também faz coro a esse entusiasmo. Segundo Carlos Troszli, CEO da construtora Tenda, a adesão de todos deve-se a vários aspectos positivos conseguidos a partir do envolvimento na fase de elaboração do programa. O MCMV é considerado um paradigma para o setor, que acredita que novas metas e recursos virão, dando um horizonte de maior previsibilidade aos investimentos habitacionais para a baixa renda. As dificuldades existem, mas têm sido discutidas desde o início com o corpo técnico da Caixa.

Opinião

A poupança conseguirá financiar o crescimento do crédito imobiliário?

José Manoel Alvarez Lopez

Superintendente-executivo do banco Santander

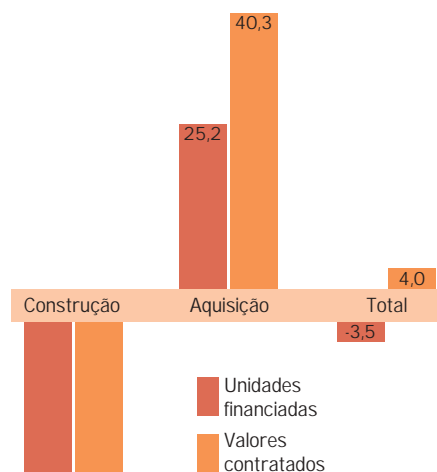
ANTES DE pensar nos novos desafios para o crédito imobiliário, temos que comentar os avanços já realizados. Taxas de crescimentos desde 2004 superiores a 60%, financiando a aquisição e a construção de imóveis, primordialmente residenciais. O primeiro semestre de 2009 teve um comportamento diferente, com um crescimento de 4% em relação ao mesmo período de 2008. Em termos percentuais, o número pode parecer pequeno, mas o resultado positivo de 4% é para ser comemorado, pois ocorreu em um contexto de crise mundial. Além disso, se decomposermos esse número entre financiamento à aquisição e à construção, observamos que o primeiro teve um crescimento de 40% e o segundo redução de 25%.

Novamente um sinal positivo, pois, se o financiamento à aquisição está crescendo, significa que os consumidores estão otimistas e propensos a adquirir imóveis. Se analisarmos a redução dos financiamentos à construção, podemos considerá-la com um episódio momentâneo, reflexo da crise que se instalou no quarto trimestre de 2008 e primeiro semestre de 2009. A retração nos lançamentos pode ser considerada como positiva, pois permitiu aos incorporadores focarem a conclusão dos empreendimentos já iniciados e a redução de seus estoques, permitindo preparar-se melhor para novos empreendimentos.

As vendas de unidades novas no primeiro semestre em São Paulo registraram 25% de queda em relação ao mesmo período do ano passado, refletindo a contração dos lançamentos, porém a expectati-

va é de que 2009 atinja o mesmo volume de vendas de 2008, com 32 mil unidades comercializadas. Isto significa que o segundo semestre terá um desempenho

Evolução dos financiamentos imobiliários (jan-jun 2009 contra o mesmo período do ano anterior, %)



Fonte: Banco Central e IBGE

37,5% superior a 2008. Se as vendas retornam, o mesmo ocorrerá com os lançamentos e, conseqüentemente, aumentará o financiamento à construção de novas unidades. A redução no financiamento à construção foi então temporária.

Todo esse crescimento adveio de uma conjunção de fatores: i) taxas de juros da economia inferiores a 10%; ii) taxas

de juros de crédito imobiliário mais baixas e prazos maiores; iii) confiança dos consumidores; iv) a ação de agentes governamentais em prol das políticas habitacionais; v) maior atuação dos agentes financeiros no segmento: a última grande fronteira de crédito do país.

Então, fica claro que estamos em um momento em que o crescimento está e continuará ocorrendo, pois seguimos com uma demanda habitacional forte, impulsionada pelo déficit habitacional e pelo perfil demográfico ainda jovem de nossa população. E quais são os novos desafios? Quais são as novas etapas a serem vencidas?

O marco regulatório que trata do crédito imobiliário apresentou grandes avanços, mas ainda existem aprimoramentos a serem buscados, principalmente, desburocratizar e desonerar a originação das operações. Nesse aspecto, um tema importante é o princípio da concentração da matrícula, algo muito discutido, mas que não saiu do papel. A sua utilização traria ganhos de eficiência, transparência e tempo para todos os envolvidos. E do que trata este assunto? A princípio é bem simples. O objetivo é registrar na matrícula do imóvel todos os possíveis ônus a ele vinculados, estabelecendo que o que não for registrado não vale.

Potencial de mercado

Mas outro ponto vital a ser equacionado é o tão conhecido *funding*, um tema vital que poderá definir como será o crescimento futuro do mercado e, ainda mais importante, a transição entre um mo-

delo de recursos direcionados para um de recursos livres. A poupança em julho possuía um saldo total de R\$ 230 bilhões amealhados ao longo de 40 anos. Desse montante, cerca de R\$ 125,6 bilhões estavam aplicados em financiamentos à aquisição e construção de imóveis, desembolsados ou a desembolsar, o que representa 54,6% do saldo da poupança. Incluindo outros tipos de operação, o saldo das aplicações totalizava cerca de R\$ 180 bilhões.

Como mencionado, o crédito imobiliário cresceu nos últimos anos a taxas superiores a 60%, com exceção deste ano. Assumindo que iremos crescer a taxas anuais de 30%, o que parece muito factível para um produto com tão baixa penetração na população e pequena participação no PIB (ao redor de 2% comparados com 17% de nosso vizinho Chile), significa que teremos aplicados em cinco anos algo como R\$ 466,3 bilhões em financiamentos de imóveis. Mantendo a mesma relação entre poupança e financiamento atual, isso nos levaria a algo como R\$ 847,8 bilhões de poupança necessária para sustentar este crescimento. Ou seja, crescer o saldo das contas de poupança em 3,7 vezes o tamanho atual. É possível? É factível? Podemos argumentar que seja possível, pois em cinco anos muito pode acontecer – a taxa de juros básica da economia deve-se reduzir um pouco mais e vai estimular a aplicação em poupança. Porém, a remuneração da poupança também pode mudar, pode se reduzir, deixar de ser tão atraente. Enfim vários fatores podem influir no crescimento dos recursos de poupança e não há como prevê-los.

Afinal, a poupança conseguirá financiar o crescimento do crédito imobiliário? Tenho dúvidas, principalmente porque as taxas de crescimento da poupança têm sido batidas pelo do crédito imobiliário ano após ano e não há exemplos recentes de crescimento de 30% na poupança. Se a poupança não crescer na taxa esperada, quais são as alternativas? As alternativas, entendo, devem ser mecanismos de mercado que sejam universais e transparentes, permitindo o acesso de qualquer agente financeiro, respeitando as suas características e devidamente regulamentado pelas autoridades monetárias. Dentre as possi-

bilidades podemos destacar algumas, não em ordem de importância:

- **Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI):** mecanismo de securitização largamente utilizado em outros mercados, principalmente o americano. Permite



É primordial uma transição do modelo direcionado para o modelo de mercado

dividir o risco assumido pela concessão de financiamento com outros agentes do mercado. É importante, mas não definitivo, pois é saudável que o agente que origina o crédito tenha responsabilidade pelo seu comportamento futuro. O ponto a favor dessa modalidade é que possui arcabouço jurídico definido e operações realizadas no Brasil, mas ainda carece de um mercado de investidores mais pujante, que permita a existência de mercado secundário, dando assim liquidez aos papéis.

- **Depósitos a prazo:** estrutura relativamente simples e que permite a criação de uma nova modalidade de financiamento a taxas variáveis. Os agentes financeiros fazem captação pelos depósitos a prazo, remunerando os clientes de acordo com a política de cada instituição. O Banco Central captura a taxa praticada de captação de prazo de um ano e divulga a taxa média do mercado, ou TMM (a sigla é meramente ilustrativa). Os financiamentos imobiliários aos clientes por sua vez

passam a ser vendidos a taxas de juros que serão compostas de dois elementos: a TMM, pública e divulgada pelo BC, e o *spread*, definido de acordo com a oferta de cada instituição. Assim, se a taxa de juros básica da economia cai, as taxas dos contratos vigentes e a serem contratados também cai. Se a taxa de juros subir, a taxa do financiamento também sobe. Esse é o principal modelo de *funding* na Espanha e sustentou o crescimento desse mercado. Pesa contra essa opção o fato de que não temos ainda uma estrutura regulatória e legal que permita tal modelo no Brasil.

- **Papéis de longo prazo lastreados em financiamentos imobiliários:** emissão de papéis a investidores institucionais garantidos, primeiramente, pelos financiamentos habitacionais originados e, secundariamente, pelo próprio emissor. Nesse caso, haveria um *funding* com prazos mais adequados e com o preço do risco da variação da taxa de juros no longo prazo já definido pelo investidor e, por sua vez, para o cliente. Esse modelo permite obter recursos para financiamentos a taxas de juros fixas e até mesmo para contratos indexados. A favor dessa opção, há o fato de que já existe este tipo de papel no Brasil, porém é utilizado para investimentos de curto prazo.

Apresentadas essas três alternativas que podem muito bem coexistir dentro de um mercado aberto e competitivo, ainda resta um ponto a ser debatido que considero o mais difícil de ser solucionado. Trata-se da transição do modelo direcionado para o modelo de mercado. A transição é primordial, pois além de se implantar um modelo que funcione com mecanismos de mercado, este tem que proporcionar taxas de juros de crédito imobiliário muito próximas das que estarão sendo praticadas com recursos de poupança. Patamares de juros superiores ou inferiores irão impactar diretamente na atividade creditícia e, por sua vez, na imobiliária, pois afeta diretamente o poder de compra dos consumidores. Este é de todos o maior desafio: fazer o pouso suave na pista para que não provoque retração no mercado de crédito imobiliário e permita o contínuo crescimento deste mercado tão importante para qualquer economia.

Planejamento e negócios

Um novo perfil de gerenciamento de projetos

Robson Gonçalves

AGESTÃO de projetos e melhoria de processos vêm assumindo uma face nova na construção civil. Sem exagero, pode-se questionar se algumas empresas ainda devem ser chamadas de “construtoras” ou “incorporadoras”. O termo cada vez mais usado é “firmas de engenharia” ou, de forma mais apropriada, “gestoras de projetos de edificação”.

Numa primeira análise, esse movimento parece ser mais uma etapa do processo de terceirização, no qual as incorporadoras se especializam e contratam construtoras como prestadoras de serviços. Estas, por sua vez, subcontratam um número cada vez maior de outras empresas, especializadas fases específicas dos projetos.

Mas essa transformação tem implicações que transcendem às da terceirização. Fazer cada empreendimento seguir adiante e integrá-lo às demais atividades da empresa é o grande desafio. Segundo Eduardo Zaidan, diretor de Economia do **SindusCon-SP**, a necessidade de interação com uma rede de outras empresas, por um lado, e com as incorporadoras, por outro, exige das construtoras investimentos crescentes em capital humano. “O ‘cérebro’ dos profissionais tornou-se um ativo de grande importância estratégica. Sem atenção redobrada nos projetos, as obras podem se tornar autênticas usinas de problemas.”

Isso exige um enfoque multidisciplinar, reunindo conhecimentos que mantêm a engenharia construtiva como núcleo, mas se estendem para outras áreas. Algumas empresas que optaram por se tornar exclusivamente incorporadoras têm que interagir com investidores, cujo interesse é essencialmente financeiro. De acordo com Odair Senra diretor da Gafisa e do **SindusCon-SP**, “os investidores têm foco

centrado nos resultados financeiros e não em aspectos técnicos da construção”. Essa característica é ainda mais marcante nas empresas de capital aberto, as quais mantêm departamentos dedicados continuamente ao relacionamento com investidores.

Esse diálogo com os acionistas, mesmo os minoritários, exige *expertise* financeira e se distancia dos detalhes técnicos das obras, que ficam por conta das construtoras. Senra enfatiza que “incorporação e construção se tornaram, na atualidade,

mercados muito diferentes”. As incorporadoras se especializam crescentemente nas fases pré-operacionais dos projetos construtivos: prospecção de oportunidades, definição de estratégias de segmentação, captação, relacionamento com investidores. Na nomenclatura típica da gestão de projetos, isso corresponde às fases de concepção e planejamento. Por sua vez, as construtoras atuam nas fases de execução, monitoramento e finalização.

Essas características conferem um perfil próprio para a gestão de projetos na

10 CONSIDERAÇÕES PARA UMA BOA GESTÃO CONSTRUTIVA

- 1 A chamada “vocação construtiva” importa muito. Em outras palavras, qualificação e experiência fazem a diferença
- 2 Nos grandes centros, a incorporação e a construção se tornaram negócios diferentes, exigindo maior especialização em cada etapa dos projetos
- 3 Gestoras de projetos não fazem uma simples terceirização. Gerenciam redes complexas de clientes, investidores e fornecedores
- 4 O capital humano, representado por profissionais qualificados, é o grande patrimônio na gestão de projetos
- 5 O gerente de projetos deve ser um profissional que pensa e atua de forma multidisciplinar, ou seja, é capaz transitar por diversos campos
- 6 Quanto mais complexa a obra, maiores os riscos e maiores os esforços de coordenação e de segurança por parte dos gerentes de projeto
- 7 Na gestão de empreendimentos de infra-estrutura, é necessária a aplicação de ferramentas avançadas de engenharia financeira
- 8 Por melhores resultados, construtoras e incorporadoras devem compartilhar informações e mecanismos de controle ao longo dos projetos
- 9 O canteiro de obras é o coração dos projetos, mas sua gestão envolve profissionais qualificados que talvez nunca chegaram perto dele
- 10 Os investidores das empresas de capital aberto têm foco nos resultados financeiros, não nos detalhes operacionais dos empreendimentos.

construção civil. O papel de gestoras é compartilhado por incorporadoras e construtoras, cada qual assumindo uma função crítica em determinadas fases. De acordo com Zaidan, isso se relaciona com o núcleo de competências de cada empresa. “As empresas que optaram por se dedicar apenas à construção identificaram nessa atividade sua verdadeira vocação. As grandes incorporadoras, por sua vez, têm mais habilidade na concepção dos *business plans* e da estratégia financeira exigidos por grandes investidores. Elas se especializam nessas atividades e reconhecem nas construtoras parceiras qualificadas para tocar as obras, cumprindo as exigências de prazo e qualidade de cada projeto.”

Complexidade crescente

Cada obra tem vida própria e uma história peculiar – geri-la requer que a gestora do projeto, incorporadora ou construtora, reúna habilidades para interagir com um amplo conjunto de agentes: bancos, famílias, poder público, fornecedores etc. Tudo isso em um ambiente de mudanças contínuas que vão da legislação ambiental às regras de financiamento, das exigências dos compradores à substituição de materiais. É um cenário marcado por complexidade crescente, no qual cada atividade de um projeto construtivo exige habilidades específicas e profissionais qualificados. “No passado, a atividade era mais simples”, afirma Eduardo Zaidan, “por isso, algumas obras podiam ser realizadas muito bem por uma única empresa, que se encarregava de todas as fases, desde a compra do terreno até a entrega. Hoje, é preciso especialização, é preciso mais atenção à vocação construtiva.”

Por isso, algumas construtoras vêm descobrindo que sua maior competência é gerir a teia complexa de relações da fase executiva, fato que torna a coordenação de atividades, típica do gerenciamento de projetos, seu verdadeiro *core business*. Isso resulta na redução das necessidades de pessoal próprio e de imobilização de capital e amplia a terceirização de atividades. É por essa razão que essas empresas são chamadas de “firmas de engenharia”, cujo grande capital é a inteligência corporativa.

Enquanto gestoras de projetos, construtoras e incorporadoras desempenham

funções que exigem muito mais do que as habilidades clássicas da engenharia civil. Arquitetos, advogados, financistas e profissionais de marketing também são mobilizados nas diversas fases dos empreendimentos e o engenheiro passa a atuar como típico gerente de projetos, profissional cada vez mais valorizado no mercado.

Hoje, o grande capital das empresas é a inteligência corporativa

Roque Rabechini, professor dos MBAs em Gestão de Projetos da FGV, lembra que, além da complexidade, o cumprimento dos prazos é cada vez mais relevante na construção civil. “Basta pensar nas grandes obras relacionadas a eventos como jogos olímpicos ou copas do mundo de futebol. São situações na quais atrasos podem gerar grandes prejuízos, comprometendo a qualidade desses eventos.”

Engenharia financeira

A abordagem da gestão de projetos também se destaca na infra-estrutura. Em todo o mundo, o *project finance* emergiu com um conjunto de ferramentas úteis para administrar obras de grande porte, que requerem muito capital e têm retornos a longo prazo. E, como o próprio nome diz, o *project finance* é a face financeira da gestão de projetos.

No Brasil, um marco importante ocorreu em 2004, com a aprovação da Lei 11.079, a Lei das PPPs. Desde então, um número crescente de construtoras do segmento de infra-estrutura constituiu as chamadas Sociedades de Propósito Específico (SPE), figura jurídica que viabiliza a adoção de soluções típicas do *project finance*.

Uma SPE pode ser compreendida como uma *joint venture* de projeto cuja vida se encerra com o final de cada empreendi-

mento. Isso limita os riscos dos investidores, facilita a obtenção de financiamentos e vincula as receitas futuras à remuneração dos investidores. Por conta dessas características, as SPEs são de grande valia nos projetos de infra-estrutura, pois ampliam as possibilidades de administrar incertezas e obter ganhos de eficiência.

Nas fases de concepção e planejamento, os gerentes de projeto de infra-estrutura dão grande atenção ao potencial de impacto sócio-ambiental. A própria constituição da SPE exige atenção à composição societária e à captação de investidores e de recursos de terceiros. Já nas fases de execução e monitoramento, sobressai, outra vez, o engenheiro-gerente de projeto. Sua responsabilidade aumenta na proporção do crescimento dos fatores de incerteza, marca das grandes obras de infra-estrutura.

Tendência desigual

A transformação das empresas da construção em autênticas gestoras de projetos ainda não é uma tendência nacional. No segmento habitacional, ela predomina nas regiões mais ricas do país por conta da complexidade dos projetos e do surgimento de novos investidores. Ainda assim, é inegável que o perfil típico do engenheiro da construção civil está mudando. Já não basta que esse profissional seja um bom “tocador de obras”. Seu papel deve ser ativo na identificação de oportunidades de aprimoramento dos processos, na melhoria da qualidade e nos ganhos de eficiência.

O papel empreendedor do gerente de projetos construtivos se destaca nos momentos de crise. Muitos riscos não previstos na fase de concepção e planejamento podem se tornar oportunidades de melhoria. Eles explicitam fragilidades ocultas dos projetos. Muitos fatos que podem comprometer o sucesso de um empreendimento surgem inesperadamente e sua solução exige agilidade na tomada de decisão. Eventos não previstos tornam-se fonte de aprendizado, o qual passa a fazer parte do capital humano do gerente de projeto. Assim, ninguém melhor do que o engenheiro-gestor para identificar as possibilidades de melhoria surgidas em cada obra.

Obra de moradia popular
em Águas Lindas (GO)

Elza Fátima/ABr



O cenário que todos desejavam

Ana Maria Castelo e Robson Gonçalves

A ECONOMIA brasileira vive a tão esperada inflexão. De setembro de 2008 até meados do primeiro semestre, predominaram o cenário de crise e as ações para combatê-la. Desde então, a atividade econômica tem dado sinais de recuperação. Em todo o mundo, já se discute o fim progressivo das medidas de estímulo à demanda e, no Brasil, essa discussão tem colorido próprio. Três questões se destacam. Em ordem de importância: a retomada do investimento, a sustentação das contas externas e o reequilíbrio das contas públicas. No âmbito da construção, o momento é de confiança, pois não restam dúvidas de que as medidas anunciadas pelo governo para reverter a queda de ati-

vidade setorial começam a mostrar seus resultados.

O retorno ao caminho do crescimento apenas se esboçou nos números do PIB do segundo trimestre. Daqui em diante, será preciso reduzir a dependência com relação às medidas de estímulo ao consumo. Confirmados os sinais de recuperação da economia mundial e alta da confiança dos empresários, será possível conciliar mais investimento com a manutenção do equilíbrio externo. Nesse contexto, o governo poderá se beneficiar de novos e saudáveis aumentos de arrecadação que, se conjugados à moderação nos gastos, especialmente com custeio, poderão colocar as contas públicas novamente nos

trilhos. Este é um cenário cada vez mais provável que começa a influenciar as expectativas.

Perfil da demanda

O PIB brasileiro voltou a crescer no segundo trimestre. Na comparação com o trimestre anterior, livre de influências sazonais, o avanço foi de 1,9%. Em boa medida, isso se deve à recuperação da produção industrial, que avançou 2,1%. No confronto com igual período de 2008, houve queda de 1,2%, o que mostra que o nível de atividade ainda não voltou aos níveis pré-crise.

O consumo das famílias cresceu 2,1% na comparação com o período janeiro-

março, à frente da demanda global, e fechou o segundo trimestre 3,2% acima do registrado no segundo trimestre de 2008. O consumo foi, até aqui, um elemento de grande importância para conter os efeitos da crise global, refletindo as medidas de estímulo adotadas pelo governo no *front* tributário e no crédito. Mas há sinais importantes de modificação no perfil da demanda.

O comércio externo voltou a contribuir com o crescimento. As exportações tiveram alta dessazonalizada de 14,1% no terceiro trimestre na comparação com o período anterior. Isso mais do que compensou o crescimento de 1,5% das importações. Mas até mesmo este último número deve ser visto como positivo. A alta das importações após dois trimestres seguidos de queda é coerente com o cenário de recuperação industrial.

Importante: o investimento parou de cair. A formação bruta de capital fixo teve variação nula no segundo trimestre depois de acumular queda de 22,5% nos dois trimestres anteriores. Mas, no confronto com igual período de 2008, a queda é de 17%.

Depois de sucessivos aumentos, as despesas correntes do governo recuaram 0,1% na comparação com o primeiro trimestre, embora ainda sejam 2,2% maiores do que em igual período do ano anterior. Isso mostra que o crescimento da demanda no período não pode ser creditado como eminente relacionada ao aumento do gasto fiscal.

PIB da construção

Para a construção, os dados do IBGE vieram de acordo com o esperado, ou seja, ainda muito negativo. Depois de cair 9,8% no primeiro trimestre, o PIB do setor caiu mais 9,5% no segundo trimestre de 2009, na comparação com mesmo período de 2008. O setor acumulou assim queda de 9,6% no semestre na comparação com 2008.

No entanto é necessário lembrar que esses resultados eram esperados em decorrência da metodologia de estimação do IBGE para os dados trimestrais, que é feita a partir dos números de produção da indústria de materiais de construção. De fato, o impacto da crise na indústria pode ser bem percebido nos números de faturamento real que entre janeiro e julho, quando registrou queda de 11,6%.

O comércio de materiais também acusou queda expressiva entre janeiro e julho, 8,5% na comparação com o mesmo período de 2008. Incertezas e estoques elevados contribuíram para os maus resultados tanto da indústria quanto do comércio. No entanto o consumo de cimento, que reflete de forma efetiva a atividade do setor, manteve-se no primeiro semestre de 2009 praticamente no mesmo patamar de 2008.

De todo modo, o faturamento real da indústria de materiais cresceu 7,6% em julho na comparação com o mês anterior. O nível médio de utilização da capacidade das indústrias de materiais chegou a 83% em agosto, voltando a ficar próximo do observado em agosto de 2008 (85%).

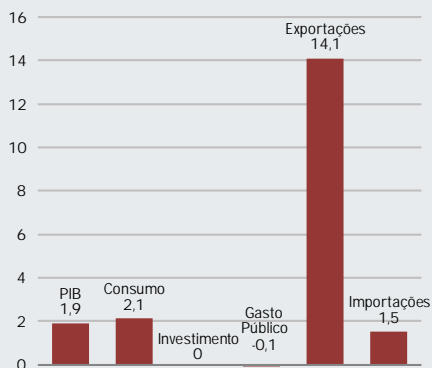
Trajetória da inflação

Os principais índices de inflação têm tido desempenho favorável. Os preços medidos pelo IGP-DI ficaram praticamente estáveis em agosto, com alta de apenas 0,09%, após dois meses consecutivos de deflação. No acumulado em 12 meses, o indicador acumula baixa de 0,53%. Trata-se de uma queda expressiva. Em agosto do ano passado, o IGP-DI acumulado em 12 meses era superior a 12%.

A tendência deflacionária do IGP está especialmente concentrada no atacado. Embora em agosto, o IPA tenha permanecido praticamente estável, com elevação de 0,07%, no acumulado em 12 meses, o recuo foi de 3,25%. Mas ocorreu uma certa mudança com relação a julho. Naquele mês, o IPA registrou variação de -1,16% e a deflação atingiu todos os componentes do índice. Em agosto, somente as matérias-primas brutas tiveram queda de preços, com destaque para o minério de ferro (-7,07%). Os preços dos bens intermediários (exceto combustíveis e lubrificantes) passaram de uma queda 0,31% em julho para uma alta de 0,29% em agosto.

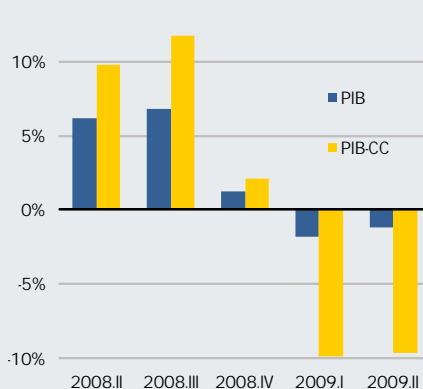
A tendência de recuperação da atividade industrial marcaria o fim do ciclo de queda nos preços do atacado? No caso de itens como minério de ferro e produtos de aço, altamente comercializáveis, é preciso considerar a influência da demanda externa, que continua retraída. Ainda assim, é típica a recuperação dos preços no atacado ao final dos perí-

Crescimento do PIB (%)*



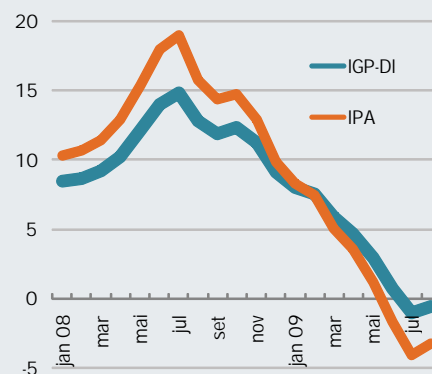
Fonte: IBGE. *contra trimestre anterior

Crescimento do PIB (%)*



Fonte: IBGE. *contra trimestre do ano anterior

Inflação acumulada 12 meses



Fonte: FGV

odos de recessão. Dada a importância do IPA no cálculo do IGP (peso de 60%), compreende-se que as expectativas do mercado de que o IGP-DI volte ao campo positivo em 2010. A inflação esperada para o próximo ano, medida por esse indicador, é de 4,5%, bem acima das projeções para 2009 (-0,67%).

Preços setoriais

A tendência de queda nos preços dos materiais refletiu-se com clareza no INCC de agosto. O indicador teve variação negativa de 0,05% contra alta de 0,26% em julho. Todos os três componentes do índice desaceleraram, com destaque para os custos com mão-de-obra, cuja alta passou de 0,65% em julho para 0,15% em agosto. Essa queda é tipicamente sazonal e reflete o fim do ciclo anual de reajustes salariais. Entre julho e agosto, o item serviços passou de 0,44% para 0,30% e os preços de materiais e equipamentos caíram 0,38%, aprofundando o recuo registrado em julho (-0,22%).

Dentre os materiais, dois itens importantes continuaram a registrar deflação. O preço dos vergalhões recuou 2,02% em agosto e o cimento, 0,64%. Tubos e conexões de PVC tiveram uma queda de preço ainda mais expressiva (4,43%), influenciada pela desvalorização do câmbio. No ano, o INCC materiais apresenta queda acumulada de 1,19%, comportamento bem mais favorável que o índice geral, que teve alta de 2,63%.

Nível de emprego

Em julho, a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE mostrou elevação de 2,6% na comparação com julho de 2008 no total de ocupados no setor da construção. No ano, o crescimento é de 1,6%. O emprego com carteira registra desempenho ainda melhor, refletindo o ritmo de atividade das empresas que, a despeito da queda nas vendas e da redução dos lançamentos, continuaram ou iniciaram novas obras. Em julho, o setor recuperou plenamente as vagas perdidas nos últimos meses de 2008. Na verdade, o emprego na construção em todo país passou para um patamar superior ao observado antes da crise, e atingiu seu nível mais elevado desde que a pesquisa é realizada.

De acordo com a pesquisa da FGV Projetos e do SindusCon-SP com base nos dados do Ministério do Trabalho, em julho o estoque de trabalhadores com carteira em todo país alcançou o patamar de 2,2 milhões, o que representou um crescimento acumulado no ano de 7,94% na comparação com o mesmo período de 2008.

Os dois segmentos que mais têm gerado novas vagas são o imobiliário e o de infra-estrutura. No ano, o crescimento acumulado do emprego até julho é maior em infra-estrutura, 8,54% do que na área imobiliária, 5,47%.

A recuperação dos postos de trabalho perdidos no final do ano ainda não ocorreu em todas as regiões do país. O Norte ainda registra queda na comparação com 2008. No entanto, o ritmo de abertura de

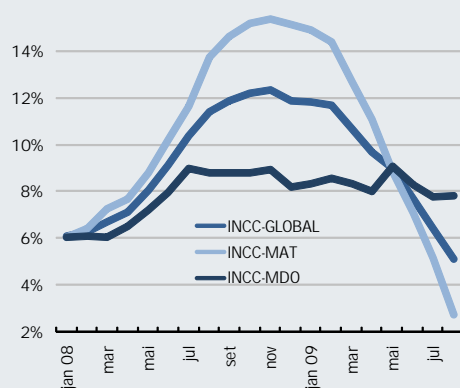
novas vagas tem sido muito forte na região, que já registra crescimento no emprego de 7,9% desde dezembro. As obras das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio têm respondido pela maior parte dos empregos gerados na região: em Rondônia o número de empregados com carteira mais que dobrou desde dezembro.

Lançamentos e vendas

Depois de um período de quase paralisia, o mercado imobiliário começou a dar sinais de vitalidade. Em São Paulo, a velocidade de vendas das unidades habitacionais retomou o ritmo de antes da crise. Na verdade, dependendo do tipo do imóvel, a velocidade de vendas é maior em 2009. É o que se observa, por exemplo, com os imóveis de dois dormitórios que no primeiro semestre do ano representaram 44% das vendas no município de São Paulo. Essa dinâmica já era percebida antes da crise. Com os recursos do programa habitacional do governo federal, esse segmento vem se mostrando ainda mais atrativo. Por outro lado, a redução dos lançamentos entre o final de 2008 e o início de 2009 determinou uma redução na oferta desse tipo de imóvel.

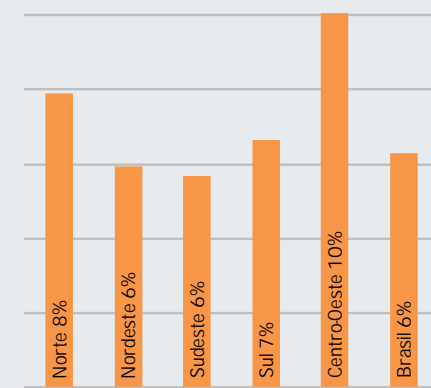
Vale notar que os lançamentos ainda não voltaram ao patamar anterior à outubro de 2008. Entre janeiro e julho, o número de unidades lançadas na região metropolitana de São Paulo ainda está 53% menor que a registrada no mesmo período de 2008.

Inflação acumulada 12 meses



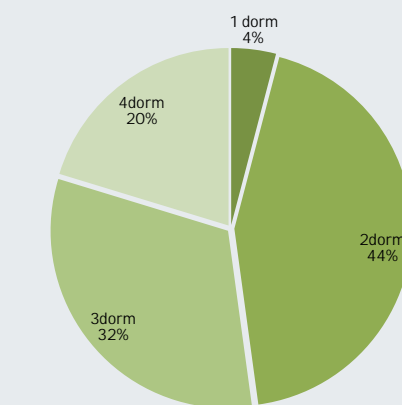
Fonte: FGV

Crescimento do emprego (%) *



Fonte: MTE, FGV Projetos/SindusCon-SP. * Com carteira, entre dezembro e julho

Vendas em São Paulo *



Fonte: Secovi. * Acumulado até junho

Otimismo moderado

Robson Gonçalves

OS RESULTADOS da sondagem de agosto, realizada junto aos Sinduscons de todo o país, marca a volta dos indicadores mais importantes ao campo positivo. Todos os principais itens pesquisados apresentaram melhora e ultrapassaram a fronteira do negativo ao o positivo. Predominou uma avaliação moderada, mas a melhora na percepção do ambiente de atividade é bastante clara na comparação com a rodada anterior da pesquisa, realizada em maio. O comparativo com agosto de 2008, no entanto, ainda é desfavorável. Isso ocorre porque aquela foi a última pesquisa antes do agravamento da crise internacional. Ainda assim, os empresários da construção se mostram menos preocupados com a inflação do que há um ano. E, apesar do desenrolar da crise, a confiança no sucesso da política econômica também evoluiu favoravelmente.

A leitura mais geral dos dados da sondagem indica que se consolidou o clima de otimismo apenas esboçado na pesquisa de maio. Como regra, os empresários paulistas fizeram uma avaliação mais positiva de seu ambiente de negócios do que a média nacional, especialmente no que se refere ao desempenho corrente das construtoras e à melhoria das condições financeiras. É um quadro coerente com a evolução mais ampla do cenário macroeconômico, que apresentou sensível melhora a partir do segundo trimestre.

Confiança

A confiança foi a tônica revelada pela sondagem de agosto. Os números são muito coerentes com o que se pode esperar ao final de uma recessão que, no caso brasileiro, foi breve. As expectativas mais favoráveis de crescimento econômico podem ser consideradas a base da avaliação dos empresários. O indicador é ligeiramente superior ao nível de fronteira (50), mas o fato de ter crescido mais de 40% no trimestre é um claro sinal de que os

empresários estão firmando a percepção de que o pior já passou. Ainda no campo macroeconômico, as perspectivas de inflação reduzida se mantiveram praticamente estáveis, mas em um nível muito elevado. Indiretamente, essa expectativa indica baixa preocupação quanto à pos-

Um sinal de alerta, coerente com o cenário de retomada, refere-se às perspectivas de custos

sibilidade de altas nas taxas de juros no futuro próximo.

Do ponto de vista setorial, tanto a avaliação do desempenho corrente quanto das perspectivas de desempenho tiveram altas expressivas no trimestre, situando-se no campo do otimismo. Ambas as tendências já haviam se esboçado na edi-

ção anterior da sondagem e se intensificaram em agosto. Isso demonstra que os empresários estão em posição bem mais confortável do que no início da crise. Adicionalmente, as perspectivas de desempenho mais favoráveis, detectadas em maio, foram confirmadas pelo desempenho do trimestre encerrado em agosto. Essa confirmação de expectativas favoráveis de desempenho é sempre um fator positivo para a consolidação do otimismo empresarial. Some-se a isso redução do nível de dificuldades financeiras, elemento que causou grande preocupação após o estopim da crise, em setembro de 2008. É notável como esse item da pesquisa melhora até mesmo na comparação anual.

Um sinal de alerta, coerente com o cenário de retomada, refere-se às perspectivas de custos. Apesar da melhora na comparação anual, esse item registrou piora no trimestre. Isso indica que os empresários do setor acreditam que a volta do crescimento poderá provocar pressões de demanda, sobretudo no que se refere à mão-de-obra, uma vez que os preços dos insumos da construção estão em trajetória de queda. Ainda assim, o cenário é mais favorável do que há um ano, quando a cadeia da construção estava muito pressionada pelo *boom* do setor pré-crise.

Desempenho e perspectivas das empresas da construção¹

| | Brasil | | | São Paulo | | |
|---------------------------------|--------|--------------|-------|-----------|--------------|-------|
| | Mês | Variação (%) | | Mês | Variação (%) | |
| | Ago.09 | Trimestre | Ano | Ago.09 | Trimestre | Ano |
| Desempenho da empresa | 52,2 | 13,5 | -13,1 | 52,4 | 15,0 | -11,8 |
| Dificuldades financeiras | 46,4 | -18,2 | -11,1 | 47,3 | -20,4 | -11,9 |
| Perspectivas de desempenho | 57,9 | 10,4 | -5,5 | 57,9 | 10,2 | -4,3 |
| Perspectivas de evol. de custos | 50,6 | -7,7 | 34,0 | 50,2 | -8,5 | 30,0 |
| Condução da política econômica | 51,2 | -1,3 | 7,6 | 51,1 | -3,1 | 7,6 |
| Inflação reduzida | 62,7 | 0,7 | 92,1 | 62,8 | 0,3 | 91,5 |
| Crescimento econômico | 50,1 | 43,1 | -9,8 | 50,7 | 39,3 | -9,0 |

Fonte: SindusCon-SP/FGV Projetos. ¹ Os dados apresentados na tabela estão dispostos numa escala que vai de "0" a "100", tendo o valor "50" como centro. Isso quer dizer que valores abaixo de "50" podem ser interpretados como um desempenho, ou perspectiva, não favorável. No caso de dificuldades financeiras, no entanto, valores abaixo de "50" significam dificuldades menores.

INDICADORES DA CONSTRUÇÃO

- 22** Materiais de construção – consumo e produção
- 23** Mercado imobiliário
- 24** Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo
- 25** Investimentos em habitação popular, saneamento e infra-estrutura urbana
- 26** Custo da construção residencial no Estado de São Paulo
- 27** Preços de materiais de construção no Estado de São Paulo
- 28** Emprego da construção por Estados
- 29** Emprego da construção por Estados
- 30** Emprego da construção brasileira por segmento
- 31** Emprego da construção paulista por segmento

Materiais de construção – consumo e produção

| Período | Consumo de Cimento | | | | | | Vergalhões – Brasil | | | | | | Produção Brasileira de Materiais de Construção (Índice: Média de 2002 = 100) | |
|---------|--------------------|--------------|--------|-----------|--------------|--------|---------------------|--------------|--------|------------------|--------------|--------|--|--------|
| | Brasil | | | São Paulo | | | Produção | | | Consumo Aparente | | | | |
| | Mil T | Variação [%] | | Mil T | Variação [%] | | Mil T | Variação [%] | | Mil T | Variação [%] | | | |
| | | No Mês | No Ano | | No Mês | No Ano | | No Mês | No Ano | | No Mês | No Ano | | |
| 2001 | 38.264 | - | -2,9 | 11.263 | - | -5,0 | 2.598 | - | 9,9 | 2.366 | - | 9,3 | 88,93 | |
| 2002 | 37.620 | - | -1,7 | 10.657 | - | -5,4 | 2.658 | - | 2,3 | 2.407 | - | 1,8 | 92,44 | |
| 2003 | 33.562 | - | -10,8 | 9.525 | - | -10,6 | 2.605 | - | -2,0 | 1.858 | - | -22,8 | 88,28 | |
| 2004 | 33.923 | - | 1,1 | 9.129 | - | -4,2 | 2.718 | - | 4,3 | 2.145 | - | 15,5 | 94,47 | |
| 2005 | 35.422 | - | 4,4 | 9.347 | - | 2,4 | 2.594 | - | -4,6 | 1.924 | - | -10,3 | 101,02 | |
| 2006 | 40.775 | - | 15,1 | 10.520 | - | 12,6 | 2.982 | - | 15,0 | 2.283 | - | 18,6 | 100,54 | |
| 2007 | 45.003 | - | 10,4 | 11.449 | - | 8,8 | 3.214 | - | 7,8 | 2.640 | - | 15,6 | 105,72 | |
| 2008 | 51.358 | - | 14,1 | 13.446 | - | 17,4 | 3.746 | - | 16,6 | 3.435 | - | 30,1 | 100,97 | |
| 2009 | 28.663 | - | -0,7 | 6.398 | - | 1,0 | 1.804 | - | -15,5 | 1.470 | - | -22,8 | 117,62 | |
| 2006 | Ago | 3.781 | 9,0 | 16,5 | 968 | 4,6 | 13,9 | 267 | 3,3 | 15,0 | 217 | 13,5 | 20,1 | 113,60 |
| | Set | 3.552 | -6,1 | 16,5 | 914 | -5,6 | 13,9 | 266 | -0,5 | 15,5 | 210 | -3,2 | 20,0 | 107,04 |
| | Out | 3.607 | 1,6 | 16,6 | 926 | 1,3 | 14,2 | 279 | 4,7 | 16,2 | 206 | -1,9 | 20,0 | 111,17 |
| | Nov | 3.577 | -0,8 | 16,2 | 960 | 3,8 | 13,7 | 273 | -1,9 | 16,5 | 190 | -7,5 | 19,4 | 108,70 |
| | Dez | 3.246 | -9,2 | 15,1 | 825 | -14,1 | 12,6 | 196 | -28,4 | 15,0 | 160 | -16,0 | 18,6 | 100,54 |
| 2007 | Jan | 3.419 | 5,3 | 3,0 | 815 | -1,3 | 2,9 | 254 | 29,9 | 12,5 | 185 | 15,6 | 8,1 | 102,20 |
| | Fev | 3.035 | -11,2 | 3,4 | 797 | -2,2 | 8,0 | 235 | -7,6 | 7,7 | 171 | -7,3 | 6,1 | 96,85 |
| | Mar | 3.713 | 22,4 | 3,9 | 964 | 20,9 | 7,0 | 259 | 10,2 | 8,3 | 217 | 26,6 | 3,9 | 111,50 |
| | Abr | 3.408 | -8,2 | 6,4 | 851 | -11,7 | 7,4 | 253 | -2,3 | 5,3 | 199 | -8,4 | 6,8 | 104,75 |
| | Mai | 3.708 | 8,8 | 6,1 | 956 | 12,3 | 6,2 | 284 | 12,5 | 6,7 | 230 | 15,8 | 8,9 | 112,79 |
| | Jun | 3.726 | 0,5 | 7,5 | 959 | 0,4 | 6,8 | 276 | -3,0 | 8,1 | 212 | -7,9 | 9,3 | 108,47 |
| | Jul | 3.851 | 3,3 | 8,0 | 976 | 1,7 | 6,6 | 264 | -4,4 | 7,2 | 217 | 2,6 | 10,0 | 113,57 |
| | Ago | 4.291 | 11,4 | 8,8 | 1.151 | 18,0 | 8,3 | 266 | 1,0 | 6,2 | 238 | 9,7 | 10,0 | 119,08 |
| | Set | 3.866 | -9,9 | 8,8 | 1.005 | -12,7 | 8,5 | 266 | -0,1 | 5,4 | 232 | -2,6 | 10,1 | 112,59 |
| | Out | 4.337 | 12,2 | 10,0 | 1.106 | 10,1 | 9,7 | 282 | 6,1 | 5,0 | 268 | 15,3 | 12,2 | 122,69 |
| | Nov | 4.073 | -6,1 | 10,4 | 1.014 | -8,4 | 9,3 | 308 | 9,2 | 5,8 | 253 | -5,6 | 14,0 | 115,49 |
| | Dez | 3.575 | -12,2 | 10,4 | 856 | -15,6 | 8,8 | 267 | -13,5 | 7,8 | 219 | -13,5 | 15,6 | 105,72 |
| 2008 | Jan | 4.045 | 13,1 | 18,3 | 1.026 | 19,9 | 25,9 | 295 | 10,5 | 15,9 | 250 | 14,4 | 35,3 | 113,87 |
| | Fev | 3.703 | -8,4 | 20,1 | 1.013 | -1,2 | 26,5 | 268 | -8,9 | 15,2 | 236 | -5,8 | 36,4 | 109,06 |
| | Mar | 3.809 | 2,9 | 13,7 | 1.028 | 1,5 | 19,1 | 309 | 15,1 | 16,6 | 250 | 6,0 | 28,3 | 117,57 |
| | Abr | 4.112 | 8,0 | 15,4 | 1.050 | 2,1 | 20,2 | 314 | 1,5 | 18,5 | 280 | 12,2 | 31,6 | 116,68 |
| | Mai | 4.172 | 1,5 | 14,8 | 1.073 | 2,2 | 18,4 | 305 | -2,9 | 16,0 | 289 | 3,0 | 30,2 | 120,15 |
| | Jun | 4.209 | 0,9 | 14,5 | 1.143 | 6,5 | 18,6 | 298 | -2,0 | 14,6 | 289 | 0,1 | 31,3 | 121,79 |
| | Jul | 4.821 | 14,5 | 16,1 | 1.283 | 12,3 | 20,6 | 347 | 16,2 | 17,1 | 311 | 7,8 | 33,1 | 130,69 |
| | Ago | 4.625 | -4,1 | 14,9 | 1.215 | -5,3 | 18,3 | 375 | 8,1 | 20,1 | 338 | 8,7 | 34,4 | 130,50 |
| | Set | 4.713 | 1,9 | 15,7 | 1.178 | -3,1 | 18,1 | 369 | -1,5 | 22,2 | 366 | 8,2 | 37,3 | 128,26 |
| | Out | 4.822 | 2,3 | 15,2 | 1.283 | 9,0 | 17,9 | 414 | 12,3 | 24,8 | 369 | 0,7 | 37,3 | 132,22 |
| | Nov | 4.313 | -10,6 | 14,3 | 1.155 | -10,0 | 17,5 | 312 | -24,7 | 22,3 | 257 | -30,3 | 33,6 | 116,41 |
| | Dez | 4.014 | -6,9 | 14,1 | 998 | -13,5 | 17,4 | 140 | -55,1 | 16,6 | 200 | -22,1 | 30,1 | 100,97 |
| 2009 | Jan | 3.948 | -1,6 | -2,4 | 996 | -0,2 | -2,9 | 240 | 70,8 | -18,7 | 186 | -7,3 | -25,7 | 101,21 |
| | Fev | 3.586 | -9,2 | -2,8 | 950 | -4,6 | -4,6 | 241 | 0,8 | -14,6 | 162 | -12,5 | -28,3 | 94,40 |
| | Mar | 4.233 | 18,1 | 1,8 | 1.125 | 18,4 | 0,1 | 245 | 1,4 | -16,8 | 208 | 28,0 | -24,4 | 109,76 |
| | Abr | 3.962 | -6,4 | 0,4 | 1.080 | -4,0 | 0,8 | 236 | -3,5 | -18,9 | 204 | -2,1 | -25,2 | 103,09 |
| | Mai | 4.124 | 4,1 | 0,1 | 1.119 | 3,6 | 1,5 | 268 | 13,4 | -17,5 | 219 | 7,7 | -24,9 | 108,52 |
| | Jun | 4.209 | 2,1 | 0,0 | 1.127 | 0,8 | 1,0 | 288 | 7,7 | -15,1 | 235 | 7,2 | -23,8 | 110,62 |
| | Jul | 4.602 | 9,3 | -0,7 | - | - | - | 286 | -0,9 | -15,5 | 256 | 9,0 | -22,8 | 117,62 |

Mercado imobiliário

| Período | Velocidade de Venda (%) | | | | | | Lançamentos | | | | | | |
|---------|-------------------------|--------------|-----------|---------|--------|-----------|------------------------|--------------|-------|----------|--------------|-------|-------|
| | Belo Horizonte | Porto Alegre | São Paulo | Goiânia | Recife | Fortaleza | Município de São Paulo | | | RMSP | | | |
| | | | | | | | Unidades | Variação (%) | | Unidades | Variação (%) | | |
| | | | | | | | No Mês | Em 12 Meses | | No Mês | Em 12 Meses | | |
| 2001 | 8,8 | 6,3 | 7,6 | 4,9 | 6,6 | 5,2 | 23.785 | - | -19,8 | 32.748 | - | -13,7 | |
| 2002 | 8,0 | 6,5 | 8,4 | 6,9 | 6,4 | 5,0 | 21.157 | - | -11,0 | 29.875 | - | -8,8 | |
| 2003 | 6,6 | 4,5 | 7,1 | 5,9 | 4,1 | 5,3 | 26.367 | - | 24,6 | 34.544 | - | 15,6 | |
| 2004 | 6,9 | 4,1 | 7,6 | 5,8 | 3,6 | 3,6 | 22.315 | - | -15,4 | 27.203 | - | -21,3 | |
| 2005 | 7,5 | 4,4 | 8,8 | 5,4 | 4,4 | 5,5 | 25.287 | - | 13,3 | 33.744 | - | 24,0 | |
| 2006 | 8,4 | 6,6 | 12,1 | 4,2 | 4,8 | 5,3 | 25.389 | - | 0,4 | 34.427 | - | 2,0 | |
| 2007 | 12,9 | 12,0 | 16,2 | 4,8 | 6,3 | 6,3 | 38.536 | - | 51,8 | 59.403 | - | 72,5 | |
| 2008 | 18,9 | 13,8 | 13,8 | 5,5 | 7,0 | 8,0 | 34.080 | - | -11,6 | 62.762 | - | 5,7 | |
| 2009 | 19,8 | 7,3 | 13,1 | 4,1 | 6,9 | 5,2 | 9.753 | - | -43,6 | 17.517 | - | -43,2 | |
| 2006 | Ago | 8,6 | 7,1 | 12,8 | 4,9 | 4,1 | 6,2 | 2.442 | 118,8 | 7,8 | 2.714 | 57,7 | 9,1 |
| | Set | 11,4 | 6,4 | 13,8 | 3,5 | 4,8 | 7,5 | 1.748 | -28,4 | 6,8 | 2.746 | 1,2 | 3,9 |
| | Out | 9,6 | 6,4 | 12,7 | 1,7 | 4,4 | 6,1 | 2.241 | 28,2 | 10,3 | 2.965 | 8,0 | 9,1 |
| | Nov | 7,8 | 5,4 | 16,0 | 5,4 | 6,2 | 4,9 | 3.551 | 58,5 | 10,8 | 4.585 | 54,6 | 13,2 |
| | Dez | 6,6 | 6,2 | 15,1 | 0,5 | 4,8 | 4,8 | 4.746 | 33,7 | 0,4 | 5.846 | 27,5 | 2,0 |
| 2007 | Jan | 9,3 | 5,0 | 7,4 | 2,4 | 5,7 | 8,4 | 501 | -89,4 | 3,7 | 887 | -84,8 | 5,4 |
| | Fev | 10,6 | 5,5 | 9,1 | 1,9 | 4,4 | 5,8 | 869 | 73,5 | 7,1 | 1.340 | 51,1 | 9,3 |
| | Mar | 10,3 | 8,3 | 15,2 | 5,7 | 5,5 | 6,9 | 3.266 | 275,8 | 17,2 | 4.094 | 205,5 | 19,5 |
| | Abr | 13,0 | 7,5 | 12,8 | 5,5 | 5,7 | 4,4 | 2.698 | -17,4 | 20,2 | 3.916 | -4,3 | 19,6 |
| | Mai | 6,9 | 12,6 | 17,6 | 3,0 | 5,1 | 4,1 | 2.634 | -2,4 | 18,3 | 4.535 | 15,8 | 19,1 |
| | Jun | 16,2 | 7,4 | 17,4 | 3,4 | 6,6 | 10,5 | 3.193 | 21,2 | 13,7 | 3.948 | -12,9 | 13,5 |
| | Jul | 17,2 | 18,2 | 14,1 | 3,6 | 6,6 | 6,2 | 1.666 | -47,8 | 14,7 | 2.650 | -32,9 | 14,7 |
| | Ago | 19,5 | 17,2 | 16,5 | 3,3 | 6,9 | 7,0 | 1.960 | 17,6 | 13,5 | 2.468 | -6,9 | 16,0 |
| | Set | 8,9 | 19,6 | 26,1 | 6,0 | 8,1 | 6,4 | 4.879 | 148,9 | 30,1 | 6.630 | 168,6 | 31,9 |
| | Out | 12,1 | 15,7 | 19,8 | 9,0 | 7,0 | 5,2 | 5.943 | 21,8 | 47,7 | 8.850 | 33,5 | 49,9 |
| | Nov | 11,2 | 10,1 | 15,9 | 4,8 | 5,8 | 3,9 | 3.812 | -35,9 | 44,3 | 7.863 | -11,2 | 53,5 |
| | Dez | 20,4 | 17,5 | 23,1 | 9,2 | 8,6 | 6,1 | 7.115 | 86,6 | 51,8 | 12.222 | 55,4 | 72,5 |
| 2008 | Jan | 20,0 | 9,4 | 7,4 | 4,6 | 9,6 | 6,7 | 715 | -90,0 | 51,6 | 1.128 | -90,8 | 71,1 |
| | Fev | 18,6 | 10,5 | 13,4 | 6,9 | 7,8 | 8,3 | 2.349 | 228,5 | 57,2 | 3.547 | 214,5 | 75,9 |
| | Mar | 17,9 | 16,0 | 20,9 | 3,7 | 11,1 | 7,5 | 3.688 | 57,0 | 48,9 | 5.781 | 63,0 | 70,9 |
| | Abr | 21,0 | 20,7 | 14,8 | 5,2 | 7,2 | 7,9 | 1.901 | -48,5 | 40,8 | 6.156 | 6,5 | 71,5 |
| | Mai | 13,8 | 26,8 | 21,8 | 5,9 | 9,0 | 15,0 | 3.859 | 103,0 | 44,0 | 8.326 | 35,3 | 77,7 |
| | Jun | 27,3 | 16,8 | 18,3 | 5,9 | 4,7 | 10,9 | 4.027 | 4,4 | 44,5 | 6.539 | -21,5 | 83,6 |
| | Jul | 21,9 | 10,5 | 13,4 | 7,0 | 5,1 | 7,6 | 2.931 | -27,2 | 46,1 | 5.955 | -8,9 | 87,6 |
| | Ago | 19,6 | 12,8 | 20,7 | 7,4 | 6,9 | 7,1 | 3.642 | 24,3 | 54,3 | 6.087 | 2,2 | 97,8 |
| | Set | 20,4 | 13,1 | 13,8 | 4,5 | 9,5 | 9,4 | 2.368 | -35,0 | 31,5 | 4.515 | -25,8 | 75,5 |
| | Out | 15,6 | 13,6 | 4,9 | 2,9 | 4,3 | 7,1 | 3.541 | 49,5 | 11,3 | 6.236 | 38,1 | 49,5 |
| | Nov | 19,4 | 9,6 | 8,4 | 7,5 | 3,7 | 3,6 | 2.518 | -28,9 | 6,9 | 3.849 | -38,3 | 32,7 |
| | Dez | 10,6 | 6,4 | 7,7 | 4,7 | 4,9 | 5,3 | 2.541 | 0,9 | -11,6 | 4.643 | 20,6 | 5,7 |
| 2009 | Jan | 18,8 | 8,5 | 5,5 | 3,5 | 3,3 | 3,9 | 382 | -85,0 | -12,9 | 456 | -90,2 | 4,1 |
| | Fev | 15,8 | 4,3 | 7,7 | 4,4 | 9,0 | 4,3 | 1.211 | 217,0 | -18,9 | 1.778 | 289,9 | -2,5 |
| | Mar | 24,8 | 5,9 | 10,7 | 3,8 | 9,4 | 4,6 | 1.561 | 28,9 | -25,0 | 2.691 | 51,3 | -9,9 |
| | Abr | - | 10,6 | 10,3 | 4,7 | 6,0 | 8,0 | 1.061 | -32,0 | -25,6 | 2.886 | 7,2 | -18,0 |
| | Mai | - | - | 21,3 | - | - | - | 2.220 | 109,2 | -31,8 | 3.808 | 31,9 | -28,9 |
| | Jun | - | - | 21,5 | - | - | - | 1.715 | -22,7 | -38,7 | 2.601 | -31,7 | -36,9 |
| | Jul | - | - | 14,4 | - | - | - | 1.603 | -6,5 | -43,6 | 3.297 | 26,8 | -43,2 |

Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo

| Período | Construção | | | | | | Aquisição | | | | | | Total | | |
|---------|------------|------------|---------------|---------|----------|------------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|
| | Empresário | | Pessoa Física | | Total | | Novos | | Usados | | Total | | Unidades | R\$ Mil | |
| | Unidades | R\$ Mil | Unidades | R\$ Mil | Unidades | R\$ Mil | Unidades | R\$ Mil | Unidades | R\$ Mil | Unidades | R\$ Mil | | | |
| 2001 | 14.648 | 623.606 | 392 | 29.587 | 15.040 | 653.194 | 6.576 | 407.396 | 13.973 | 792.132 | 20.549 | 1.199.527 | 35.589 | 1.852.721 | |
| 2002 | 9.905 | 556.556 | 367 | 20.039 | 10.272 | 576.595 | 7.085 | 485.787 | 11.433 | 673.644 | 18.518 | 1.159.431 | 28.790 | 1.736.026 | |
| 2003 | 16.229 | 926.589 | 531 | 36.568 | 16.760 | 963.157 | 7.023 | 498.853 | 12.593 | 712.020 | 19.616 | 1.210.872 | 36.376 | 2.174.029 | |
| 2004 | 21.909 | 1.320.116 | 1.186 | 60.410 | 23.095 | 1.380.526 | 15.109 | 806.429 | 13.699 | 782.740 | 28.808 | 1.589.169 | 51.903 | 2.969.695 | |
| 2005 | 32.996 | 2.608.352 | 592 | 38.999 | 33.588 | 2.647.351 | 8.093 | 713.365 | 18.191 | 1.203.536 | 26.284 | 1.916.901 | 59.872 | 4.564.252 | |
| 2006 | 38.088 | 4.019.750 | 4.563 | 271.969 | 42.651 | 4.291.718 | 12.679 | 1.093.161 | 55.669 | 3.747.024 | 68.348 | 4.840.185 | 110.999 | 9.131.903 | |
| 2007 | 68.451 | 8.349.885 | 8.352 | 589.406 | 76.803 | 8.939.291 | 21.183 | 2.093.358 | 85.604 | 6.532.735 | 106.787 | 8.626.092 | 183.590 | 17.565.384 | |
| 2008 | 117.406 | 14.490.373 | 10.764 | 891.822 | 128.170 | 15.382.195 | 32.662 | 3.803.233 | 104.031 | 9.800.592 | 136.693 | 13.603.825 | 264.863 | 28.986.020 | |
| 2009 | 44.706 | 4.737.556 | 5.812 | 557.696 | 50.518 | 5.295.251 | 18.130 | 2.227.834 | 52.657 | 5.782.766 | 70.787 | 8.010.601 | 121.305 | 13.305.852 | |
| 2006 | Jul | 3.958 | 346.774 | 468 | 26.957 | 4.426 | 373.731 | 1.070 | 98.087 | 5.031 | 341.771 | 6.101 | 439.858 | 10.527 | 813.589 |
| | Ago | 4.476 | 477.285 | 440 | 27.251 | 4.916 | 504.535 | 1.219 | 104.027 | 5.385 | 370.613 | 6.604 | 474.640 | 11.520 | 979.176 |
| | Set | 2.399 | 262.517 | 394 | 24.079 | 2.793 | 286.596 | 1.073 | 94.438 | 4.828 | 337.907 | 5.901 | 432.345 | 8.694 | 718.941 |
| | Out | 3.973 | 417.409 | 347 | 21.213 | 4.320 | 438.622 | 976 | 88.308 | 4.190 | 289.535 | 5.166 | 377.843 | 9.486 | 816.465 |
| | Nov | 3.859 | 360.626 | 363 | 22.209 | 4.222 | 382.835 | 986 | 85.421 | 4.639 | 327.218 | 5.625 | 412.639 | 9.847 | 795.474 |
| | Dez | 3.918 | 466.628 | 444 | 28.760 | 4.362 | 495.388 | 1.112 | 95.629 | 5.325 | 371.551 | 6.437 | 467.180 | 10.799 | 962.568 |
| 2007 | Jan | 1.800 | 190.601 | 369 | 24.656 | 2.169 | 215.257 | 1.352 | 124.728 | 5.038 | 359.714 | 6.390 | 484.442 | 8.559 | 699.699 |
| | Fev | 3.165 | 311.607 | 458 | 30.175 | 3.623 | 341.781 | 1.166 | 109.740 | 5.064 | 361.651 | 6.230 | 471.391 | 9.853 | 813.173 |
| | Mar | 6.053 | 552.436 | 555 | 36.348 | 6.608 | 588.783 | 1.830 | 172.530 | 7.507 | 550.071 | 9.337 | 722.601 | 15.945 | 1.311.384 |
| | Abr | 4.709 | 509.240 | 562 | 37.058 | 5.271 | 546.298 | 1.442 | 134.529 | 6.505 | 476.932 | 7.947 | 611.461 | 13.218 | 1.157.759 |
| | Mai | 6.268 | 588.363 | 643 | 44.466 | 6.911 | 632.829 | 1.835 | 162.789 | 7.422 | 577.896 | 9.257 | 740.685 | 16.168 | 1.373.514 |
| | Jun | 6.515 | 565.975 | 712 | 46.851 | 7.227 | 612.826 | 1.595 | 163.152 | 7.424 | 557.516 | 9.019 | 720.668 | 16.246 | 1.333.494 |
| | Jul | 6.214 | 700.427 | 925 | 67.314 | 7.139 | 767.740 | 1.790 | 172.835 | 8.597 | 640.212 | 10.387 | 813.048 | 17.526 | 1.580.788 |
| | Ago | 6.301 | 643.527 | 969 | 67.074 | 7.270 | 710.601 | 2.238 | 216.538 | 8.750 | 652.964 | 10.988 | 869.501 | 18.258 | 1.580.103 |
| | Set | 8.266 | 907.531 | 733 | 51.443 | 8.999 | 958.973 | 1.920 | 194.149 | 6.858 | 528.122 | 8.778 | 722.271 | 17.777 | 1.681.244 |
| | Out | 9.963 | 1.095.102 | 819 | 59.324 | 10.782 | 1.154.425 | 2.063 | 219.477 | 7.400 | 583.123 | 9.463 | 802.600 | 20.245 | 1.957.026 |
| | Nov | 1.358 | 1.360.773 | 736 | 56.460 | 2.094 | 1.417.233 | 1.898 | 198.820 | 7.431 | 609.513 | 9.329 | 808.333 | 11.423 | 2.225.567 |
| | Dez | 7.839 | 924.303 | 871 | 68.240 | 8.710 | 992.543 | 2.054 | 224.070 | 7.608 | 635.020 | 9.662 | 859.090 | 18.372 | 1.851.633 |
| 2008 | Jan | 8.415 | 828.842 | 515 | 42.923 | 8.930 | 871.765 | 1.646 | 186.166 | 6.279 | 554.917 | 7.925 | 741.082 | 16.855 | 1.612.847 |
| | Fev | 173 | 1.070.724 | 511 | 38.210 | 684 | 1.108.935 | 2.087 | 292.609 | 5.758 | 523.328 | 7.845 | 815.937 | 8.529 | 1.924.872 |
| | Mar | 9.401 | 987.746 | 537 | 39.446 | 9.938 | 1.027.192 | 2.114 | 270.351 | 6.421 | 568.414 | 8.535 | 838.765 | 18.473 | 1.865.957 |
| | Abr | 8.529 | 840.730 | 731 | 57.683 | 9.260 | 898.413 | 2.167 | 268.683 | 7.559 | 686.189 | 9.726 | 954.872 | 18.986 | 1.853.285 |
| | Mai | 1.027 | 1.050.234 | 792 | 61.190 | 1.819 | 1.111.424 | 2.280 | 267.823 | 7.776 | 721.283 | 10.056 | 989.107 | 11.875 | 2.100.531 |
| | Jun | 8.812 | 1.788.228 | 972 | 79.385 | 9.784 | 1.867.613 | 3.072 | 346.204 | 9.243 | 889.269 | 12.315 | 1.235.473 | 22.099 | 3.103.086 |
| | Jul | 18.558 | 1.884.105 | 1.117 | 87.810 | 19.675 | 1.971.915 | 3.381 | 379.639 | 11.350 | 1.069.291 | 14.731 | 1.448.930 | 34.406 | 3.420.845 |
| | Ago | 18.697 | 1.839.847 | 1.170 | 91.440 | 19.867 | 1.931.286 | 3.121 | 352.187 | 10.016 | 937.347 | 13.137 | 1.289.534 | 33.004 | 3.220.820 |
| | Set | 13.534 | 1.273.409 | 1.177 | 100.182 | 14.711 | 1.373.591 | 3.366 | 375.035 | 11.120 | 1.054.677 | 14.486 | 1.429.713 | 29.197 | 2.803.304 |
| | Out | 8.934 | 921.977 | 1.073 | 90.040 | 10.007 | 1.012.017 | 3.332 | 374.295 | 9.737 | 967.771 | 13.069 | 1.342.066 | 23.076 | 2.354.083 |
| | Nov | 9.616 | 902.130 | 1.146 | 108.916 | 10.762 | 1.011.046 | 3.081 | 340.235 | 9.733 | 936.700 | 12.814 | 1.276.935 | 23.576 | 2.287.981 |
| | Dez | 11.710 | 1.102.400 | 1.023 | 94.596 | 12.733 | 1.196.997 | 3.015 | 350.006 | 9.039 | 891.405 | 12.054 | 1.241.412 | 24.787 | 2.438.409 |
| 2009 | Jan | 5.989 | 697.369 | 844 | 83.460 | 6.833 | 780.828 | 2.692 | 327.842 | 7.704 | 768.180 | 10.396 | 1.096.022 | 17.229 | 1.876.851 |
| | Fev | 5.248 | 570.842 | 842 | 78.810 | 6.090 | 649.652 | 2.610 | 308.531 | 7.402 | 754.560 | 10.012 | 1.063.091 | 16.102 | 1.712.743 |
| | Mar | 7.728 | 819.177 | 917 | 84.529 | 8.645 | 903.706 | 3.199 | 394.099 | 8.962 | 937.972 | 12.161 | 1.332.071 | 20.806 | 2.235.776 |
| | Abr | 8.915 | 850.805 | 1.019 | 94.754 | 9.934 | 945.558 | 2.999 | 370.087 | 8.904 | 994.862 | 11.903 | 1.364.950 | 21.837 | 2.310.508 |
| | Mai | 6.512 | 784.308 | 1.087 | 107.651 | 7.599 | 891.960 | 3.227 | 395.581 | 9.300 | 1.066.027 | 12.527 | 1.461.609 | 20.126 | 2.353.569 |
| | Jun | 10.314 | 1.015.055 | 1.103 | 108.491 | 11.417 | 1.123.547 | 3.403 | 431.693 | 10.385 | 1.261.166 | 13.788 | 1.692.859 | 25.205 | 2.816.406 |

Investimentos em habitação popular, saneamento e infra-estrutura urbana

| Período | ICMS no Estado de São Paulo | | CDHU | | | Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - R\$ Milhões | | | | | | | Disponível |
|---------|-----------------------------|-------------------------------|-----------------------------|------------------------|-----------------------------|--|--------|-------------------|----------------------------|--------|--------|--------|------------|
| | Arrecadação (R\$ Milhões) | Repasses à CDHU (R\$ Milhões) | Investimentos (R\$ Milhões) | Unidades Habitacionais | | Arrecadação | | Aplicações | | | | | |
| | | | | Entregues no Ano | Em Andamento (Média do Ano) | Contribuintes | Total | Habitação Popular | Saneamento Infra-estrutura | Saques | Total | | |
| 2001 | 24.978,5 | 428,3 | 388,1 | 10.424 | 46.858 | 21.072 | 30.227 | 2.972 | 139 | 18.772 | 23.367 | 22.406 | |
| 2002 | 27.633,2 | 397,1 | 707,0 | 21.219 | 46.227 | 22.197 | 34.767 | 2.955 | 144 | 19.635 | 24.680 | 31.707 | |
| 2003 | 29.807,8 | 327,7 | 859,1 | 21.703 | 59.284 | 24.702 | 40.219 | 3.337 | 125 | 20.367 | 31.894 | 37.102 | |
| 2004 | 34.061,5 | 516,3 | 652,5 | 13.662 | 52.989 | 27.996 | 43.023 | 3.181 | 295 | 22.089 | 35.172 | 39.245 | |
| 2005 | 37.686,2 | 595,6 | 559,1 | 20.520 | 48.815 | 31.562 | 51.272 | 5.123 | 566 | 25.860 | 38.128 | 49.547 | |
| 2006 | 41.872,6 | 555,1 | 815,4 | 22.442 | 55.414 | 36.203 | 58.290 | 6.849 | 768 | 29.684 | 43.966 | 63.100 | |
| 2007 | 46.663,0 | 529,9 | 642,7 | 4.541 | 66.763 | 41.291 | 64.643 | 5.913 | 841 | 38.379 | 50.193 | 78.528 | |
| 2008 | 75.212,1 | 554,7 | 855,7 | 24.106 | 71.818 | 4.563 | 6.766 | 188 | 77 | 3.035 | 3.630 | 89.232 | |
| 2009 | 41.966,3 | 308,9 | 383,7 | 6.179,0 | 64.408 | | | | | | | | |
| 2006 | Ago | 3.375,5 | 36,0 | 73,3 | 1.433 | 59.545 | 3.044 | 4.866 | 466 | 64 | 2.701 | 3.584 | 63.580 |
| | Set | 3.502,5 | 35,0 | 71,5 | 3.147 | 56.712 | 2.900 | 4.592 | 585 | 71 | 2.429 | 3.406 | 64.889 |
| | Out | 3.857,2 | 35,0 | 86,0 | 563 | 56.740 | 2.933 | 5.321 | 523 | 100 | 2.228 | 3.156 | 66.611 |
| | Nov | 4.182,7 | 35,0 | 70,4 | 759 | 56.144 | 3.001 | 4.922 | 464 | 59 | 2.419 | 3.269 | 68.660 |
| | Dez | 3.816,4 | 35,0 | 78,5 | 11.483 | 66.807 | 3.737 | 5.731 | 334 | 62 | 2.646 | 3.345 | 71.074 |
| 2007 | Jan | 3.735,4 | - | 87,6 | 132 | 68.033 | 3.932 | 6.292 | 292 | 44 | 2.794 | 4.062 | 73.203 |
| | Fev | 3.517,1 | 53,9 | 40,3 | 224 | 67.410 | 3.136 | 4.912 | 412 | 66 | 2.539 | 3.979 | 74.103 |
| | Mar | 3.458,2 | 87,9 | 64,0 | 847 | 67.026 | 3.326 | 5.244 | 532 | 62 | 3.231 | 4.174 | 75.184 |
| | Abr | 3.681,9 | 47,5 | 65,3 | 462 | 67.546 | 3.121 | 4.997 | 484 | 86 | 4.033 | 4.923 | 75.542 |
| | Mai | 3.819,5 | 47,5 | 40,3 | 326 | 67.846 | 3.257 | 5.129 | 701 | 70 | 3.731 | 4.832 | 75.792 |
| | Jun | 3.778,4 | 48,6 | 46,6 | 175 | 67.579 | 3.261 | 5.028 | 477 | 51 | 3.104 | 3.951 | 76.958 |
| | Jul | 3.836,2 | 47,5 | 59,7 | 417 | 67.192 | 3.351 | 5.215 | 345 | 73 | 3.212 | 3.951 | 78.269 |
| | Ago | 3.925,9 | 47,5 | 38,2 | 360 | 66.743 | 3.503 | 5.516 | 509 | 59 | 3.590 | 4.490 | 79.450 |
| | Set | 4.335,6 | 47,5 | 43,3 | 1.076 | 65.826 | 3.281 | 5.106 | 504 | 66 | 2.836 | 3.700 | 80.924 |
| | Out | 4.124,9 | 34,0 | 58,9 | 0 | 65.848 | 3.423 | 5.448 | 439 | 74 | 3.131 | 3.939 | 82.496 |
| | Nov | 4.191,5 | 34,0 | 36,0 | 40 | 65.419 | 3.435 | 5.440 | 510 | 82 | 2.923 | 3.808 | 84.172 |
| | Dez | 4.258,4 | 34,0 | 62,3 | 482 | 64.684 | 4.264 | 6.316 | 707 | 107 | 3.255 | 4.384 | 86.239 |
| 2008 | Jan | 5.935,2 | 43,2 | 47,8 | 284 | 65.180 | 4.563 | 6.766 | 188 | 77 | 3.035 | 3.630 | 89.232 |
| | Fev | 5.487,7 | 45,7 | 33,5 | 611 | 69.270 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Mar | 5.330,4 | 43,2 | 40,5 | 236 | 68.870 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Abr | 5.863,7 | 43,2 | 32,5 | 677 | 70.614 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Mai | 6.184,4 | 43,2 | 43,3 | 373 | 76.757 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Jun | 6.354,8 | 43,4 | 39,0 | 964 | 79.008 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Jul | 6.433,1 | 43,9 | 52,7 | 1.550 | 79.019 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Ago | 6.512,3 | 43,2 | 51,5 | 1.248 | 79.362 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Set | 6.844,8 | 43,2 | 68,4 | 8.075 | 74.583 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Out | 7.269,1 | 43,2 | 91,4 | 2.539 | 68.818 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Nov | 6.385,5 | 43,2 | 53,9 | 813 | 68.121 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Dez | 6.611,1 | 75,8 | 301,4 | 6.736 | 62.218 | - | - | - | - | - | - | - |
| 2009 | Jan | 5.191,4 | 31,4 | 42,1 | 61 | 62.719 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Fev | 6.327,8 | 58,8 | 51,5 | 708 | 62.881 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Mar | 5.958,6 | 57,0 | 60,6 | 507 | 64.375 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Abr | 5.881,1 | 39,5 | 79,5 | 551 | 65.277 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Mai | 6.020,0 | 46,1 | 73,0 | 134 | 67.489 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Jun | 6.205,6 | 76,1 | 77,0 | 4.218 | 63.708 | - | - | - | - | - | - | - |
| | Jul | 6.381,8 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

Custo da construção residencial no Estado de São Paulo

| Período | Custo da Construção Residencial no Estado de São Paulo – Padrão H8-2N/ R8-N | | | | | | | | | | | | |
|---------|---|--------------|--------|-------------|----------------------------|--------------|--------|-------------|----------------------------|--------------|--------|-------------|-------|
| | Índice (Base Jun/94 = 100) | Global | | | Índice (Base Jun/94 = 100) | Mão-de-obra | | | Índice (Base Jun/94 = 100) | Material | | | |
| | | Variação (%) | | | | Variação (%) | | | | Variação (%) | | | |
| | | No Mês | No Ano | Em 12 Meses | | No Mês | No Ano | Em 12 Meses | | No Mês | No Ano | Em 12 Meses | |
| 2001 | 201,74 | - | - | 8,47 | 236,56 | - | - | 7,01 | 170,86 | - | - | 10,38 | |
| 2002 | 226,20 | - | - | 12,12 | 257,31 | - | - | 8,77 | 198,65 | - | - | 16,26 | |
| 2003 | 257,50 | - | - | 13,84 | 301,81 | - | - | 17,29 | 218,34 | - | - | 9,91 | |
| 2004 | 280,69 | - | - | 9,01 | 319,39 | - | - | 5,82 | 246,54 | - | - | 12,92 | |
| 2005 | 294,71 | - | - | 4,99 | 345,59 | - | - | 8,20 | 249,78 | - | - | 1,31 | |
| 2006 | 307,31 | - | - | 4,28 | 367,59 | - | - | 6,37 | 254,00 | - | - | 1,69 | |
| 2007 | 107,09 | - | - | - | 106,94 | - | - | - | 106,80 | - | - | - | |
| 2008 | 118,83 | - | - | 10,96 | 117,68 | - | - | 10,04 | 120,17 | - | - | 12,51 | |
| 2009 | 122,76 | - | - | 6,01 | 126,11 | - | - | 8,11 | 119,15 | - | - | 3,77 | |
| 2006 | Set | 305,57 | 0,07 | 3,68 | 4,27 | 364,53 | 0,00 | 5,48 | 5,62 | 253,44 | 0,15 | 1,47 | 2,57 |
| | Out | 305,57 | 0,00 | 3,68 | 4,16 | 364,42 | -0,03 | 5,45 | 5,48 | 253,52 | 0,03 | 1,50 | 2,51 |
| | Nov | 305,75 | 0,06 | 3,75 | 3,85 | 364,53 | 0,03 | 5,48 | 5,53 | 253,75 | 0,09 | 1,59 | 1,76 |
| | Dez | 307,31 | 0,51 | 4,28 | 4,28 | 367,59 | 0,84 | 6,37 | 6,37 | 254,00 | 0,10 | 1,69 | 1,69 |
| 2007 | Jan | 307,96 | 0,21 | 0,21 | 4,33 | 367,59 | 0,00 | 0,00 | 6,37 | 255,24 | 0,49 | 0,49 | 1,82 |
| | Fev | 100,00 | - | - | - | 100,00 | - | - | - | 100,00 | - | - | - |
| | Mar | 100,15 | 0,15 | - | - | 100,31 | 0,31 | - | - | 99,88 | -0,12 | - | - |
| | Abr | 100,86 | 0,71 | - | - | 101,25 | 0,95 | - | - | 100,39 | 0,51 | - | - |
| | Mai | 102,08 | 1,21 | - | - | 103,36 | 2,08 | - | - | 100,42 | 0,03 | - | - |
| | Jun | 103,54 | 1,43 | - | - | 105,29 | 1,87 | - | - | 101,31 | 0,88 | - | - |
| | Jul | 104,14 | 0,58 | - | - | 105,72 | 0,41 | - | - | 102,11 | 0,79 | - | - |
| | Ago | 104,66 | 0,50 | - | - | 105,98 | 0,25 | - | - | 102,78 | 0,66 | - | - |
| | Set | 104,93 | 0,26 | - | - | 106,03 | 0,05 | - | - | 103,29 | 0,50 | - | - |
| | Out | 105,75 | 0,78 | - | - | 106,35 | 0,30 | - | - | 104,73 | 1,39 | - | - |
| | Nov | 106,47 | 0,68 | - | - | 106,63 | 0,27 | - | - | 105,96 | 1,17 | - | - |
| | Dez | 107,09 | 0,59 | - | - | 106,94 | 0,29 | - | - | 106,80 | 0,80 | - | - |
| 2008 | Jan | 107,17 | 0,07 | 0,07 | - | 106,71 | -0,21 | -0,21 | - | 107,20 | 0,37 | 0,37 | - |
| | Fev | 107,58 | 0,38 | 0,45 | 7,58 | 106,83 | 0,11 | -0,10 | 6,83 | 107,95 | 0,70 | 1,07 | 7,95 |
| | Mar | 107,79 | 0,20 | 0,65 | 7,63 | 106,90 | 0,07 | -0,04 | 6,57 | 108,32 | 0,34 | 1,42 | 8,45 |
| | Abr | 108,23 | 0,41 | 1,06 | 7,31 | 106,97 | 0,07 | 0,03 | 5,65 | 109,29 | 0,90 | 2,33 | 8,87 |
| | Mai | 111,17 | 2,72 | 3,81 | 8,91 | 111,87 | 4,59 | 4,62 | 8,24 | 110,17 | 0,81 | 3,16 | 9,71 |
| | Jun | 113,55 | 2,14 | 6,03 | 9,66 | 115,08 | 2,86 | 7,61 | 9,30 | 111,78 | 1,46 | 4,66 | 10,34 |
| | Jul | 114,24 | 0,60 | 6,68 | 9,70 | 115,45 | 0,32 | 7,96 | 9,20 | 112,74 | 0,86 | 5,56 | 10,41 |
| | Ago | 115,79 | 1,36 | 8,13 | 10,64 | 116,64 | 1,03 | 9,07 | 10,06 | 114,82 | 1,84 | 7,51 | 11,71 |
| | Set | 116,64 | 0,74 | 8,92 | 11,16 | 116,86 | 0,19 | 9,28 | 10,21 | 116,40 | 1,38 | 8,98 | 12,69 |
| | Out | 118,62 | 1,69 | 10,76 | 12,17 | 117,74 | 0,75 | 10,10 | 10,71 | 119,66 | 2,81 | 12,04 | 14,26 |
| | Nov | 118,87 | 0,21 | 11,00 | 11,64 | 117,65 | -0,07 | 10,02 | 10,33 | 120,29 | 0,52 | 12,62 | 13,52 |
| | Dez | 118,83 | -0,04 | 10,96 | 10,96 | 117,68 | 0,02 | 10,04 | 10,04 | 120,17 | -0,10 | 12,51 | 12,51 |
| 2009 | Jan | 119,08 | 0,21 | 0,21 | 11,11 | 117,68 | 0,00 | 0,00 | 10,27 | 120,71 | 0,44 | 0,44 | 12,59 |
| | Fev | 119,58 | 0,42 | 0,63 | 11,16 | 119,36 | 1,42 | 1,42 | 11,72 | 119,98 | -0,60 | -0,16 | 11,14 |
| | Mar | 119,47 | -0,10 | 0,54 | 10,83 | 119,33 | -0,02 | 1,40 | 11,62 | 119,77 | -0,18 | -0,34 | 10,56 |
| | Abr | 119,33 | -0,12 | 0,42 | 10,25 | 119,33 | 0,00 | 1,40 | 11,55 | 119,47 | -0,25 | -0,58 | 9,30 |
| | Mai | 121,17 | 1,54 | 1,97 | 8,99 | 122,67 | 2,80 | 4,24 | 9,65 | 119,56 | 0,08 | -0,51 | 8,51 |
| | Jun | 122,43 | 1,04 | 3,03 | 7,82 | 125,18 | 2,04 | 6,37 | 8,77 | 119,46 | -0,09 | -0,60 | 6,86 |
| | Jul | 122,89 | 0,37 | 3,42 | 7,57 | 126,11 | 0,74 | 7,16 | 9,22 | 119,43 | -0,02 | -0,62 | 5,93 |
| | Ago | 122,76 | -0,11 | 3,31 | 6,01 | 126,11 | 0,00 | 7,16 | 8,11 | 119,15 | -0,23 | -0,85 | 3,77 |

(*) Tendo em vista a publicação da NBR 12.721-2006, os Custos Unitários Básicos por metro quadrado de construção passaram, a partir de fevereiro de 2007, a ser calculados a partir de novos projetos-padrão e, em consequência, de novos lotes de insumos.

Fonte: SindusCon-SP/FGV Projetos

Preços de materiais de construção no Estado de São Paulo

Agosto de 2009 – ordem decrescente de variação percentual em 12 meses

| Material | Unidade | Preço | Variação (%) | | |
|--|----------|--------|--------------|-------|----------|
| | | | Mês | Ano | 12 Meses |
| Brita 2 | m³ | 57,28 | 0,03 | 7,95 | 21,79 |
| Massa pronta p/ reboco externo c/imperm | kg | 0,23 | 0,00 | 0,00 | 15,00 |
| Registro de pressão cromado Ø=1,27cm | unidade | 51,96 | 0,00 | 2,73 | 13,70 |
| Concreto FCK=25 MPa | m³ | 219,10 | -0,24 | 3,15 | 11,56 |
| Tábua de madeira de 3ª p/const. E=2,5cm | m | 7,17 | 0,00 | 1,13 | 11,51 |
| Alimentação tipo marmitex nº 8 | unidade | 6,30 | 0,00 | 1,29 | 10,72 |
| Bloco de concreto 19x19x39cm | unidade | 1,79 | -1,10 | 1,70 | 9,82 |
| Areia média lavada | m³ | 54,27 | -0,06 | 3,49 | 9,70 |
| Granito polido p/ piso 40x40cm | m² | 124,37 | 0,03 | 1,30 | 8,38 |
| Bloco cerâmico p/ alv vedação 9x19x19cm | milheiro | 383,51 | 0,05 | 1,44 | 7,81 |
| Vidro liso transparente 4 mm c/ massa | m² | 47,20 | 0,19 | 5,12 | 7,05 |
| Prego 18x27 c/ cabeça | kg | 4,58 | -0,22 | -2,97 | 7,01 |
| Tinta látex branca PVA | lata | 140,30 | 0,83 | 0,78 | 6,94 |
| Disjuntor tripolar 70 A | unidade | 55,91 | 0,67 | 2,87 | 6,78 |
| Cimento CPE-32 saco 50kg | saco | 16,26 | -0,43 | -8,39 | 6,34 |
| Impermeab. normal tipo vedacit 18l | kg | 48,06 | -0,41 | 0,90 | 5,44 |
| Tubo de PVC rígido rosca água Ø=25mm | barra | 19,29 | -0,21 | 0,16 | 5,07 |
| Aço CA-50 Ø 10 mm | kg | 3,12 | -0,64 | -6,31 | 4,70 |
| Fechadura, tráfego moderado acab. cromo | unidade | 38,60 | 0,00 | 1,02 | 4,24 |
| Vidro liso transparente 3mm s/ colocação | m² | 34,44 | 0,12 | 2,29 | 3,67 |
| Placa de gesso p/ forro s/ colocação | m² | 8,48 | -0,35 | 2,79 | 3,29 |
| Porta lisa p/ pintura 3,5x70x210cm | unidade | 73,57 | 0,46 | -0,41 | 2,75 |
| Tubo PVC-R rígido p/ esgoto Ø 150 mm | m | 20,02 | 0,00 | 1,01 | 2,46 |
| Eletroduto PVC rígido Ø ext.=3,81cm | barra | 11,37 | -0,35 | 2,06 | 2,43 |
| Bancada de pia de mármore 2x0,6x0,02cm | unidade | 257,10 | 0,00 | 1,73 | 2,00 |
| Chapa compensado plastificado 18mm | m² | 26,61 | -0,56 | 1,03 | 1,68 |
| Cerâmica esmaltada 20x20cm PEI III | m² | 18,46 | 0,16 | 1,93 | 1,04 |
| Bacia sanit. branca c/ cx. acoplada 6 L | unidade | 149,87 | -0,06 | 0,87 | 0,63 |
| Batente p/ pintura 3,5x14x70x210cm | unidade | 76,97 | 0,00 | -0,16 | 0,08 |
| Tubo de ferro galv. c/ costura Ø 2 1/2" | m | 41,47 | -0,38 | -0,31 | -0,12 |
| Dobradiça em ferro polido | unidade | 3,95 | 0,00 | -0,25 | -0,75 |
| Óleo diesel | l | 2,10 | -0,47 | -2,78 | -0,94 |
| Tubo de cobre Ø=15mm classe industrial | m | 15,54 | -0,06 | -2,45 | -1,08 |
| Emulsão asfáltica c/elastômero p/imperm. | kg | 5,70 | -0,18 | -0,70 | -1,72 |
| Fio cobre anti-chama isol. 750 V 2,5 mm² | rolo | 67,22 | -0,52 | -2,79 | -2,04 |
| Janela de correr 2 folhas 1,2x1,2 m | m² | 219,78 | -0,85 | 2,94 | -2,14 |
| Esquadrias correr 4 folhas al. 2,0x1,4m | m² | 273,85 | 0,00 | 0,20 | -2,68 |
| Placa cerâmica [azulejo] 15x15cm 1ª linha PEI II | m² | 14,22 | 0,00 | 0,21 | -3,13 |
| Locação de betoneira elétrica 320 l | R\$/mês | 171,39 | 0,19 | -3,65 | -3,72 |
| Chapa compensado resinado 12mm | m² | 11,68 | 0,43 | -3,55 | -4,65 |
| Telha ondulada fibrocimento 6 mm | m² | 11,73 | -0,17 | -2,49 | -5,10 |

Emprego da construção por Estados

| Período | Região Norte | | | | | | | Região Nordeste | | | | | | | | | |
|---------|--------------|--------|----------|---------|-------|--------|-----------|-----------------|--------|--------|---------------------|---------|------------|---------|---------|--------|---------|
| | Rondônia | Acre | Amazonas | Roraima | Pará | Amapá | Tocantins | Maranhão | Piauí | Ceará | Rio Grande do Norte | Paraíba | Pernambuco | Alagoas | Sergipe | Bahia | |
| 2005 | Ago | 6.508 | 5.600 | 14.791 | 2.777 | 34.089 | 2.733 | 10.811 | 19.245 | 16.320 | 35.455 | 23.270 | 15.029 | 54.058 | 13.318 | 19.419 | 91.180 |
| | Set | 6.744 | 5.765 | 14.788 | 2.799 | 35.106 | 2.929 | 10.881 | 19.324 | 16.107 | 35.786 | 24.157 | 15.007 | 55.324 | 13.539 | 19.554 | 92.686 |
| | Out | 6.801 | 5.762 | 14.663 | 2.835 | 36.477 | 2.935 | 10.790 | 19.813 | 16.279 | 36.112 | 24.662 | 15.208 | 55.689 | 14.083 | 19.626 | 92.473 |
| | Nov | 6.632 | 5.644 | 15.085 | 2.856 | 37.023 | 3.043 | 9.652 | 19.872 | 16.165 | 36.034 | 24.740 | 15.152 | 55.662 | 13.554 | 19.788 | 92.686 |
| | Dez | 6.208 | 5.469 | 14.429 | 2.821 | 35.869 | 2.536 | 8.626 | 19.625 | 15.859 | 35.490 | 24.171 | 14.975 | 55.285 | 12.991 | 19.549 | 91.353 |
| 2006 | Jan | 6.144 | 5.570 | 14.320 | 2.854 | 35.582 | 2.362 | 8.307 | 19.525 | 15.439 | 35.693 | 24.330 | 15.040 | 55.905 | 13.182 | 19.902 | 93.029 |
| | Fev | 6.129 | 5.692 | 14.540 | 3.006 | 35.847 | 2.302 | 8.566 | 19.482 | 15.459 | 36.931 | 24.715 | 15.449 | 56.539 | 13.485 | 20.808 | 93.376 |
| | Mar | 5.923 | 5.684 | 14.542 | 3.064 | 34.961 | 2.149 | 8.615 | 19.353 | 16.008 | 37.092 | 25.219 | 15.482 | 56.653 | 13.377 | 21.147 | 93.661 |
| | Abr | 6.176 | 5.807 | 14.879 | 3.075 | 34.213 | 2.098 | 8.805 | 19.542 | 16.021 | 37.326 | 25.896 | 15.850 | 56.996 | 13.555 | 21.621 | 93.001 |
| | Mai | 6.610 | 5.755 | 15.069 | 3.056 | 34.595 | 2.026 | 9.689 | 19.788 | 16.710 | 37.948 | 26.460 | 16.193 | 56.949 | 13.085 | 21.489 | 93.554 |
| | Jun | 7.084 | 6.020 | 15.138 | 3.076 | 35.509 | 1.986 | 10.351 | 20.250 | 17.752 | 38.902 | 27.255 | 16.519 | 56.607 | 12.779 | 21.556 | 93.642 |
| | Jul | 7.504 | 5.986 | 15.254 | 3.030 | 37.228 | 2.085 | 10.290 | 20.697 | 18.458 | 40.141 | 27.613 | 16.992 | 57.438 | 12.697 | 21.365 | 94.222 |
| | Ago | 7.581 | 6.165 | 15.560 | 3.052 | 38.895 | 2.236 | 10.588 | 21.489 | 18.509 | 41.391 | 28.225 | 17.068 | 57.506 | 12.567 | 21.286 | 94.831 |
| | Set | 7.670 | 6.322 | 15.936 | 3.085 | 39.438 | 2.355 | 10.218 | 21.866 | 18.130 | 42.287 | 29.509 | 17.655 | 57.895 | 12.603 | 21.113 | 95.522 |
| | Out | 7.463 | 6.413 | 16.481 | 3.092 | 39.813 | 2.411 | 10.292 | 22.789 | 17.724 | 41.718 | 29.650 | 17.896 | 58.576 | 12.676 | 20.694 | 92.094 |
| | Nov | 7.060 | 6.132 | 16.862 | 3.061 | 39.957 | 2.589 | 9.715 | 23.145 | 17.115 | 40.901 | 29.560 | 17.547 | 58.304 | 12.545 | 20.309 | 91.052 |
| | Dez | 6.257 | 5.372 | 16.727 | 3.015 | 37.831 | 2.645 | 8.913 | 22.684 | 15.946 | 39.852 | 28.768 | 16.774 | 56.660 | 12.183 | 19.787 | 88.982 |
| 2007 | Jan | 6.189 | 5.105 | 16.727 | 3.051 | 36.327 | 2.547 | 9.449 | 22.549 | 16.056 | 38.878 | 28.774 | 17.157 | 56.894 | 12.176 | 19.707 | 89.777 |
| | Fev | 6.157 | 5.113 | 16.825 | 3.128 | 36.401 | 2.629 | 9.886 | 22.854 | 15.743 | 39.204 | 28.676 | 17.793 | 57.069 | 12.247 | 20.031 | 90.527 |
| | Mar | 6.170 | 5.101 | 17.365 | 3.185 | 35.420 | 2.642 | 10.206 | 22.657 | 15.608 | 39.239 | 28.735 | 18.072 | 57.118 | 12.584 | 20.118 | 91.547 |
| | Abr | 6.395 | 5.368 | 18.304 | 3.260 | 35.397 | 2.635 | 11.254 | 22.634 | 15.516 | 39.853 | 29.121 | 18.655 | 57.467 | 12.657 | 20.794 | 93.639 |
| | Mai | 6.817 | 5.339 | 19.156 | 3.339 | 35.714 | 2.769 | 12.166 | 22.763 | 15.486 | 40.292 | 29.375 | 18.475 | 57.990 | 12.117 | 20.717 | 94.824 |
| | Jun | 7.052 | 5.458 | 20.613 | 3.269 | 37.067 | 2.772 | 13.238 | 23.291 | 15.084 | 41.413 | 29.300 | 17.884 | 57.626 | 11.967 | 20.745 | 95.757 |
| | Jul | 7.333 | 5.424 | 21.838 | 3.337 | 39.154 | 2.999 | 14.215 | 23.339 | 15.098 | 42.340 | 29.774 | 17.884 | 57.289 | 11.809 | 20.756 | 97.288 |
| | Ago | 7.499 | 5.425 | 22.492 | 3.392 | 40.273 | 3.129 | 14.891 | 24.070 | 15.219 | 42.785 | 29.416 | 17.904 | 58.110 | 11.875 | 20.693 | 99.509 |
| | Set | 7.494 | 5.442 | 22.854 | 3.472 | 40.561 | 3.114 | 15.333 | 25.249 | 15.917 | 43.247 | 29.495 | 18.421 | 59.621 | 12.093 | 21.204 | 101.120 |
| | Out | 7.567 | 5.449 | 22.987 | 3.585 | 41.624 | 3.037 | 15.700 | 25.787 | 16.475 | 44.059 | 29.206 | 18.957 | 60.921 | 12.229 | 21.391 | 101.917 |
| | Nov | 7.208 | 5.269 | 22.574 | 3.697 | 43.278 | 2.901 | 15.641 | 26.164 | 16.390 | 44.504 | 29.093 | 18.879 | 62.768 | 12.145 | 21.622 | 101.845 |
| | Dez | 6.592 | 4.987 | 21.972 | 3.770 | 42.404 | 2.739 | 13.644 | 26.104 | 15.915 | 43.580 | 28.577 | 18.449 | 62.956 | 12.006 | 21.460 | 100.196 |
| 2008 | Jan | 6.665 | 5.193 | 21.564 | 3.975 | 42.333 | 2.661 | 14.021 | 26.222 | 16.337 | 43.801 | 29.171 | 18.462 | 64.874 | 12.142 | 21.379 | 101.902 |
| | Fev | 6.349 | 5.085 | 21.741 | 4.050 | 42.331 | 2.500 | 13.671 | 26.199 | 16.423 | 44.860 | 29.640 | 18.696 | 66.475 | 12.722 | 21.581 | 103.738 |
| | Mar | 6.524 | 5.001 | 22.464 | 4.105 | 41.787 | 2.504 | 13.676 | 26.385 | 16.354 | 45.329 | 30.525 | 18.679 | 67.729 | 12.954 | 21.546 | 107.415 |
| | Abr | 6.887 | 5.146 | 22.657 | 4.247 | 41.757 | 2.341 | 14.289 | 26.945 | 16.595 | 45.097 | 30.687 | 18.557 | 66.029 | 13.174 | 21.923 | 109.872 |
| | Mai | 7.372 | 5.471 | 23.219 | 4.068 | 42.411 | 2.424 | 15.406 | 27.799 | 16.934 | 45.652 | 31.530 | 18.384 | 66.199 | 12.985 | 21.921 | 113.370 |
| | Jun | 7.664 | 5.746 | 24.431 | 3.976 | 44.078 | 2.502 | 16.294 | 28.554 | 17.972 | 48.193 | 32.696 | 18.581 | 67.762 | 12.895 | 21.865 | 113.175 |
| | Jul | 7.983 | 5.906 | 24.890 | 3.863 | 45.532 | 2.640 | 16.705 | 30.534 | 18.909 | 49.911 | 34.236 | 19.230 | 69.003 | 12.886 | 22.163 | 112.336 |
| | Ago | 8.404 | 5.992 | 25.043 | 3.842 | 46.372 | 2.589 | 16.650 | 32.406 | 19.639 | 50.882 | 35.015 | 19.857 | 70.393 | 13.196 | 22.712 | 113.422 |
| | Set | 8.980 | 6.101 | 24.873 | 4.010 | 47.017 | 2.527 | 16.690 | 33.924 | 20.467 | 51.803 | 35.877 | 20.456 | 73.781 | 13.756 | 23.193 | 114.388 |
| | Out | 9.258 | 6.076 | 24.809 | 4.057 | 47.425 | 2.618 | 15.718 | 35.704 | 21.325 | 51.039 | 34.887 | 20.996 | 75.105 | 13.880 | 23.265 | 110.752 |
| | Nov | 9.179 | 5.670 | 24.543 | 4.150 | 46.142 | 2.520 | 14.452 | 36.667 | 21.622 | 49.592 | 33.824 | 20.995 | 76.885 | 13.491 | 23.118 | 111.538 |
| | Dez | 8.675 | 5.158 | 23.772 | 4.060 | 42.772 | 2.108 | 12.111 | 36.502 | 21.011 | 46.842 | 32.188 | 20.220 | 75.280 | 12.646 | 22.630 | 107.115 |
| 2009 | Jan | 9.478 | 4.986 | 22.724 | 4.177 | 41.891 | 1.956 | 11.823 | 35.162 | 21.328 | 46.356 | 31.431 | 20.593 | 76.314 | 12.588 | 22.932 | 108.731 |
| | Fev | 10.547 | 5.039 | 22.081 | 4.140 | 39.503 | 1.875 | 11.912 | 34.308 | 21.260 | 46.913 | 30.948 | 20.694 | 76.892 | 12.619 | 23.297 | 108.882 |
| | Mar | 11.692 | 5.081 | 21.573 | 4.154 | 37.043 | 1.833 | 12.226 | 34.413 | 21.091 | 46.332 | 30.483 | 20.389 | 77.157 | 12.945 | 23.822 | 110.934 |
| | Abr | 13.029 | 5.546 | 20.594 | 4.147 | 35.582 | 1.820 | 12.742 | 33.696 | 20.624 | 45.687 | 29.786 | 20.602 | 77.130 | 13.501 | 24.010 | 114.394 |
| | Mai | 17.410 | 5.869 | 20.178 | 4.095 | 35.172 | 1.786 | 12.606 | 33.218 | 20.561 | 46.619 | 29.646 | 20.733 | 77.980 | 13.608 | 23.829 | 115.509 |
| | Jun | 19.641 | 6.285 | 20.167 | 3.936 | 36.062 | 1.773 | 12.889 | 32.821 | 21.293 | 48.334 | 29.529 | 20.777 | 79.052 | 13.959 | 24.120 | 116.955 |
| | Jul | 21.469 | 6.688 | 20.424 | 3.857 | 38.713 | 1.843 | 13.446 | 32.752 | 22.411 | 50.504 | 29.916 | 20.974 | 79.228 | 14.308 | 24.524 | 122.077 |

Emprego da construção por Estados

| Período | Região Sudeste | | | | Região Sul | | | Região Centro-Oeste | | | | |
|---------|----------------|----------------|----------------|-----------|------------|----------------|-------------------|---------------------|-------------|--------|------------------|--------|
| | Minas Gerais | Espírito Santo | Rio de Janeiro | São Paulo | Paraná | Santa Catarina | Rio Grande do Sul | Mato Grosso do Sul | Mato Grosso | Goiás | Distrito Federal | |
| 2005 | Ago | 211.536 | 42.281 | 167.355 | 405.739 | 73.014 | 59.624 | 82.740 | 15.094 | 17.917 | 45.098 | 45.896 |
| | Set | 215.791 | 43.079 | 167.807 | 410.604 | 73.241 | 59.995 | 82.802 | 15.349 | 17.731 | 46.460 | 46.369 |
| | Out | 220.358 | 44.413 | 166.329 | 414.220 | 73.602 | 60.882 | 83.500 | 15.359 | 17.632 | 46.947 | 46.579 |
| | Nov | 219.747 | 44.393 | 166.888 | 414.594 | 73.851 | 61.054 | 83.557 | 15.416 | 16.926 | 45.538 | 45.996 |
| Dez | 212.711 | 43.450 | 166.459 | 409.836 | 72.275 | 60.210 | 81.978 | 15.103 | 15.950 | 42.075 | 44.655 | |
| 2006 | Jan | 217.439 | 44.171 | 168.529 | 415.480 | 74.273 | 61.212 | 82.892 | 15.274 | 15.917 | 43.008 | 44.659 |
| | Fev | 222.113 | 44.192 | 170.431 | 417.284 | 75.043 | 61.056 | 83.786 | 15.410 | 16.429 | 43.669 | 44.849 |
| | Mar | 224.700 | 45.092 | 171.446 | 418.445 | 75.159 | 61.238 | 83.935 | 15.309 | 16.053 | 43.956 | 44.525 |
| | Abr | 228.524 | 46.240 | 173.000 | 422.210 | 75.752 | 61.917 | 84.421 | 15.529 | 16.462 | 44.374 | 45.051 |
| | Mai | 233.428 | 47.120 | 175.162 | 423.197 | 77.895 | 62.039 | 85.095 | 15.726 | 16.933 | 45.290 | 44.939 |
| | Jun | 233.100 | 48.111 | 176.381 | 424.727 | 77.484 | 62.111 | 84.717 | 15.998 | 17.203 | 45.655 | 45.338 |
| | Jul | 241.149 | 49.713 | 178.295 | 429.331 | 78.320 | 62.618 | 85.155 | 16.224 | 17.794 | 46.435 | 46.026 |
| | Ago | 242.738 | 50.707 | 179.740 | 434.875 | 79.064 | 63.292 | 84.572 | 16.660 | 18.351 | 46.141 | 46.212 |
| | Set | 243.565 | 51.208 | 182.622 | 437.416 | 79.931 | 64.041 | 84.900 | 17.038 | 18.401 | 46.417 | 46.609 |
| | Out | 243.757 | 51.537 | 184.722 | 439.557 | 80.403 | 64.308 | 84.753 | 17.248 | 17.658 | 45.358 | 46.303 |
| | Nov | 239.161 | 50.838 | 185.649 | 440.920 | 80.502 | 63.864 | 85.065 | 16.818 | 17.403 | 44.048 | 45.703 |
| | Dez | 229.901 | 48.968 | 184.250 | 437.663 | 78.585 | 62.345 | 83.844 | 16.175 | 16.695 | 41.341 | 45.927 |
| 2007 | Jan | 232.283 | 49.479 | 185.011 | 444.106 | 80.494 | 63.765 | 85.071 | 15.765 | 16.794 | 41.680 | 45.850 |
| | Fev | 232.177 | 49.499 | 185.529 | 448.278 | 80.837 | 64.094 | 84.469 | 15.610 | 16.993 | 41.778 | 45.535 |
| | Mar | 237.876 | 50.135 | 186.543 | 454.160 | 82.062 | 64.832 | 84.913 | 15.695 | 17.465 | 42.829 | 45.686 |
| | Abr | 243.562 | 50.977 | 188.955 | 465.483 | 83.326 | 66.398 | 86.036 | 16.045 | 18.618 | 44.784 | 46.164 |
| | Mai | 244.513 | 51.120 | 190.700 | 469.831 | 84.724 | 66.886 | 86.432 | 15.913 | 19.561 | 45.549 | 45.659 |
| | Jun | 246.641 | 51.246 | 193.334 | 475.867 | 85.532 | 67.656 | 87.521 | 15.974 | 20.185 | 46.482 | 46.254 |
| | Jul | 248.038 | 51.609 | 191.652 | 485.192 | 87.006 | 68.760 | 88.712 | 16.304 | 20.552 | 47.305 | 46.840 |
| | Ago | 251.087 | 51.853 | 195.140 | 494.535 | 88.718 | 69.331 | 90.789 | 16.417 | 21.300 | 47.771 | 47.717 |
| | Set | 257.356 | 51.732 | 198.965 | 504.099 | 89.979 | 69.731 | 92.176 | 16.765 | 22.007 | 48.624 | 49.144 |
| | Out | 261.378 | 51.832 | 201.203 | 512.996 | 90.564 | 70.589 | 93.637 | 17.217 | 22.169 | 49.902 | 49.499 |
| | Nov | 260.771 | 51.470 | 201.635 | 518.672 | 90.079 | 71.346 | 94.689 | 18.550 | 21.805 | 49.798 | 49.912 |
| | Dez | 254.611 | 50.431 | 200.763 | 516.058 | 88.340 | 69.952 | 93.721 | 18.910 | 19.863 | 46.819 | 49.904 |
| 2008 | Jan | 259.270 | 52.162 | 205.085 | 531.175 | 91.125 | 72.134 | 95.906 | 20.559 | 20.285 | 48.769 | 51.242 |
| | Fev | 263.501 | 52.397 | 208.189 | 541.799 | 93.071 | 73.124 | 96.815 | 21.181 | 21.380 | 49.720 | 52.132 |
| | Mar | 271.185 | 53.729 | 212.782 | 553.445 | 94.188 | 74.455 | 98.546 | 21.600 | 21.682 | 50.609 | 53.377 |
| | Abr | 279.497 | 55.325 | 216.725 | 565.039 | 96.022 | 76.407 | 99.902 | 21.504 | 22.865 | 53.230 | 54.498 |
| | Mai | 285.494 | 55.976 | 221.387 | 568.918 | 99.150 | 77.431 | 100.453 | 21.788 | 24.482 | 55.256 | 54.609 |
| | Jun | 291.435 | 57.636 | 227.445 | 578.518 | 100.933 | 79.064 | 101.636 | 21.760 | 25.705 | 58.211 | 55.091 |
| | Jul | 296.544 | 58.785 | 234.153 | 587.262 | 103.881 | 80.618 | 103.658 | 21.780 | 26.727 | 60.514 | 55.515 |
| | Ago | 303.144 | 59.518 | 238.036 | 598.810 | 105.871 | 82.610 | 105.259 | 21.773 | 27.375 | 63.253 | 56.292 |
| | Set | 310.024 | 60.274 | 243.025 | 607.099 | 107.859 | 83.849 | 106.513 | 21.689 | 27.888 | 64.962 | 57.113 |
| | Out | 312.086 | 59.576 | 244.901 | 610.358 | 108.519 | 84.146 | 106.447 | 21.630 | 27.457 | 65.627 | 56.382 |
| | Nov | 301.280 | 58.442 | 245.521 | 608.348 | 107.888 | 83.666 | 106.115 | 21.035 | 26.632 | 63.366 | 55.643 |
| | Dez | 279.878 | 55.406 | 241.196 | 592.408 | 103.925 | 81.084 | 103.771 | 19.361 | 23.902 | 56.830 | 54.106 |
| 2009 | Jan | 278.970 | 55.042 | 243.404 | 600.065 | 105.799 | 83.424 | 104.844 | 19.647 | 23.205 | 57.464 | 54.901 |
| | Fev | 278.955 | 54.496 | 247.194 | 601.690 | 105.935 | 83.475 | 104.467 | 19.452 | 22.962 | 58.102 | 55.711 |
| | Mar | 281.939 | 55.207 | 250.936 | 608.400 | 106.698 | 84.469 | 104.507 | 19.646 | 22.469 | 59.376 | 56.875 |
| | Abr | 284.106 | 55.650 | 252.822 | 615.744 | 107.100 | 85.362 | 104.712 | 19.116 | 22.670 | 61.808 | 57.738 |
| | Mai | 286.296 | 55.825 | 255.312 | 617.739 | 110.511 | 85.255 | 106.554 | 18.832 | 23.731 | 62.371 | 57.920 |
| | Jun | 287.951 | 56.327 | 255.871 | 621.211 | 110.969 | 85.864 | 107.770 | 18.686 | 24.724 | 64.013 | 58.558 |
| | Jul | 291.911 | 56.941 | 255.279 | 631.095 | 112.400 | 87.005 | 108.545 | 18.650 | 25.765 | 65.450 | 59.861 |

Emprego da construção brasileira por segmento

| Período | Obras | | | | | | Serviços | | | Total | |
|---------|-----------------------|-------------|-----------------|---------------------|---------------------|--------|-------------------------|--------------------------|---------|---------|-----------|
| | Preparação de Terreno | Edificações | Infra-Estrutura | Obras de Instalação | Obras de Acabamento | Total | Incorporação de Imóveis | Engenharia e Arquitetura | Total | | |
| 2005 | Ago | 63.211 | 922.505 | 101.962 | 169.217 | 61.472 | 1.318.367 | 90.831 | 121.699 | 212.530 | 1.530.897 |
| | Set | 64.336 | 933.800 | 103.082 | 171.240 | 62.310 | 1.334.768 | 91.769 | 123.187 | 214.956 | 1.549.724 |
| | Out | 65.087 | 943.327 | 103.450 | 171.526 | 62.482 | 1.345.872 | 92.790 | 125.367 | 218.157 | 1.564.029 |
| | Nov | 64.841 | 939.021 | 103.231 | 171.829 | 62.924 | 1.341.846 | 93.329 | 126.373 | 219.702 | 1.561.548 |
| | Dez | 63.709 | 912.694 | 102.795 | 170.143 | 61.316 | 1.310.657 | 93.680 | 125.621 | 219.301 | 1.529.958 |
| 2006 | Jan | 64.417 | 928.982 | 102.744 | 170.398 | 62.353 | 1.328.894 | 94.226 | 126.918 | 221.144 | 1.550.038 |
| | Fev | 65.614 | 942.496 | 102.379 | 170.698 | 62.700 | 1.343.887 | 94.598 | 128.103 | 222.701 | 1.566.588 |
| | Mar | 66.527 | 947.296 | 102.025 | 170.940 | 62.302 | 1.349.090 | 94.766 | 128.932 | 223.698 | 1.572.788 |
| | Abr | 67.683 | 957.843 | 102.410 | 170.873 | 62.909 | 1.361.718 | 95.812 | 130.811 | 226.623 | 1.588.341 |
| | Mai | 68.917 | 971.384 | 102.822 | 171.884 | 62.993 | 1.378.000 | 96.247 | 131.553 | 227.800 | 1.605.800 |
| | Jun | 70.007 | 977.933 | 103.679 | 172.609 | 62.338 | 1.386.566 | 96.538 | 132.147 | 228.685 | 1.615.251 |
| | Jul | 71.448 | 997.404 | 105.117 | 174.359 | 62.878 | 1.411.206 | 96.873 | 133.981 | 230.854 | 1.642.060 |
| | Ago | 72.867 | 1.008.900 | 106.114 | 175.324 | 63.284 | 1.426.489 | 97.219 | 135.593 | 232.812 | 1.659.301 |
| | Set | 73.444 | 1.018.910 | 106.452 | 176.489 | 63.764 | 1.439.059 | 97.826 | 136.867 | 234.693 | 1.673.752 |
| | Out | 73.358 | 1.017.372 | 106.775 | 177.545 | 64.732 | 1.439.782 | 98.353 | 137.251 | 235.604 | 1.675.386 |
| | Nov | 72.533 | 1.007.953 | 106.499 | 177.601 | 64.706 | 1.429.292 | 98.698 | 137.835 | 236.533 | 1.665.825 |
| | Dez | 69.962 | 977.681 | 105.728 | 176.399 | 63.676 | 1.393.446 | 98.245 | 136.399 | 234.644 | 1.628.090 |
| 2007 | Jan | 70.560 | 986.478 | 106.092 | 177.008 | 65.016 | 1.405.154 | 99.301 | 137.206 | 236.507 | 1.641.661 |
| | Fev | 70.906 | 991.155 | 105.609 | 177.611 | 65.395 | 1.410.676 | 100.249 | 138.157 | 238.406 | 1.649.082 |
| | Mar | 71.816 | 1.006.690 | 106.339 | 177.658 | 65.426 | 1.427.929 | 101.121 | 138.913 | 240.034 | 1.667.963 |
| | Abr | 73.663 | 1.032.685 | 107.236 | 178.338 | 66.894 | 1.458.816 | 102.551 | 141.930 | 244.481 | 1.703.297 |
| | Mai | 73.865 | 1.044.607 | 107.814 | 178.606 | 67.656 | 1.472.548 | 103.361 | 142.318 | 245.679 | 1.718.227 |
| | Jun | 75.462 | 1.060.175 | 108.432 | 179.040 | 67.908 | 1.491.017 | 104.588 | 143.623 | 248.211 | 1.739.228 |
| | Jul | 77.217 | 1.075.737 | 108.017 | 180.670 | 68.272 | 1.509.913 | 105.343 | 146.591 | 251.934 | 1.761.847 |
| | Ago | 79.033 | 1.094.889 | 110.219 | 182.227 | 69.821 | 1.536.189 | 106.705 | 148.446 | 255.151 | 1.791.340 |
| | Set | 79.818 | 1.119.302 | 112.155 | 184.539 | 70.772 | 1.566.586 | 108.263 | 150.366 | 258.629 | 1.825.215 |
| | Out | 80.494 | 1.135.906 | 113.458 | 186.307 | 72.106 | 1.588.271 | 110.071 | 153.535 | 263.606 | 1.851.877 |
| | Nov | 79.580 | 1.143.510 | 113.346 | 187.197 | 72.449 | 1.596.082 | 110.971 | 155.652 | 266.623 | 1.862.705 |
| | Dez | 77.131 | 1.123.904 | 111.358 | 186.398 | 71.410 | 1.570.201 | 110.835 | 153.687 | 264.522 | 1.834.723 |
| 2008 | Jan | 77.746 | 1.155.222 | 111.733 | 190.223 | 73.920 | 1.608.844 | 112.785 | 156.785 | 269.570 | 1.878.414 |
| | Fev | 78.912 | 1.176.589 | 111.734 | 193.640 | 75.543 | 1.636.418 | 113.824 | 159.128 | 272.952 | 1.909.370 |
| | Mar | 80.103 | 1.201.856 | 112.339 | 198.753 | 76.804 | 1.669.855 | 115.735 | 162.985 | 278.720 | 1.948.575 |
| | Abr | 82.069 | 1.228.922 | 112.890 | 199.679 | 78.366 | 1.701.926 | 117.875 | 167.416 | 285.291 | 1.987.217 |
| | Mai | 84.331 | 1.251.910 | 114.693 | 200.162 | 79.500 | 1.730.596 | 119.495 | 169.998 | 289.493 | 2.020.089 |
| | Jun | 87.073 | 1.280.661 | 117.740 | 201.068 | 80.812 | 1.767.354 | 122.212 | 174.252 | 296.464 | 2.063.818 |
| | Jul | 90.156 | 1.307.506 | 119.880 | 203.162 | 81.728 | 1.802.432 | 124.435 | 179.297 | 303.732 | 2.106.164 |
| | Ago | 92.738 | 1.330.916 | 122.670 | 208.428 | 83.562 | 1.838.314 | 126.650 | 183.391 | 310.041 | 2.148.355 |
| | Set | 94.758 | 1.354.488 | 124.536 | 213.124 | 84.177 | 1.871.083 | 129.230 | 187.825 | 317.055 | 2.188.138 |
| | Out | 95.361 | 1.355.316 | 124.729 | 213.201 | 84.625 | 1.873.232 | 130.413 | 190.398 | 320.811 | 2.194.043 |
| | Nov | 93.400 | 1.335.972 | 124.362 | 211.962 | 84.805 | 1.850.501 | 130.451 | 191.372 | 321.823 | 2.172.324 |
| | Dez | 88.770 | 1.270.627 | 120.538 | 206.132 | 82.002 | 1.768.069 | 128.977 | 187.911 | 316.888 | 2.084.957 |
| 2009 | Jan | 88.442 | 1.276.909 | 121.523 | 209.226 | 83.293 | 1.779.393 | 130.858 | 188.984 | 319.842 | 2.099.235 |
| | Fev | 88.967 | 1.278.885 | 122.216 | 208.782 | 83.385 | 1.782.235 | 132.713 | 188.401 | 321.114 | 2.103.349 |
| | Mar | 90.147 | 1.288.860 | 122.823 | 212.484 | 84.044 | 1.798.358 | 133.836 | 189.496 | 323.332 | 2.121.690 |
| | Abr | 90.719 | 1.302.976 | 122.480 | 210.054 | 85.507 | 1.811.736 | 136.355 | 191.627 | 327.982 | 2.139.718 |
| | Mai | 91.936 | 1.318.306 | 121.556 | 210.514 | 86.832 | 1.829.144 | 137.601 | 192.420 | 330.021 | 2.159.165 |
| | Jun | 93.739 | 1.334.765 | 121.018 | 210.218 | 87.725 | 1.847.465 | 139.765 | 192.307 | 332.072 | 2.179.537 |
| | Jul | 95.852 | 1.362.524 | 120.883 | 210.686 | 89.696 | 1.879.641 | 142.260 | 194.135 | 336.395 | 2.216.036 |

Emprego da construção paulista por segmento

| Período | Obras | | | | | | Serviços | | | Total | |
|---------|-----------------------|-------------|-----------------|---------------------|---------------------|--------|-------------------------|--------------------------|--------|---------|---------|
| | Preparação de Terreno | Edificações | Infra-Estrutura | Obras de Instalação | Obras de Acabamento | Total | Incorporação de Imóveis | Engenharia e Arquitetura | Total | | |
| 2005 | Ago | 15.297 | 213.431 | 15.630 | 62.520 | 27.658 | 334.536 | 31.653 | 39.550 | 71.203 | 405.739 |
| | Set | 15.670 | 215.571 | 15.864 | 63.437 | 28.216 | 338.758 | 31.831 | 40.015 | 71.846 | 410.604 |
| | Out | 15.876 | 217.340 | 16.914 | 63.667 | 27.870 | 341.667 | 32.034 | 40.519 | 72.553 | 414.220 |
| | Nov | 15.655 | 217.777 | 17.028 | 63.370 | 28.334 | 342.164 | 32.052 | 40.378 | 72.430 | 414.594 |
| | Dez | 15.379 | 215.306 | 17.279 | 61.959 | 27.810 | 337.733 | 32.053 | 40.050 | 72.103 | 409.836 |
| 2006 | Jan | 15.605 | 218.802 | 17.280 | 62.070 | 28.514 | 342.271 | 32.252 | 40.957 | 73.209 | 415.480 |
| | Fev | 15.733 | 219.297 | 18.267 | 61.696 | 28.498 | 343.491 | 32.417 | 41.376 | 73.793 | 417.284 |
| | Mar | 15.873 | 219.481 | 19.190 | 61.691 | 28.070 | 344.305 | 32.418 | 41.722 | 74.140 | 418.445 |
| | Abr | 16.422 | 222.108 | 18.405 | 61.518 | 28.162 | 346.615 | 32.867 | 42.728 | 75.595 | 422.210 |
| | Mai | 16.273 | 223.469 | 18.399 | 61.521 | 27.835 | 347.497 | 32.995 | 42.705 | 75.700 | 423.197 |
| | Jun | 16.581 | 225.311 | 18.369 | 61.367 | 27.244 | 348.872 | 33.086 | 42.769 | 75.855 | 424.727 |
| | Jul | 16.856 | 228.171 | 18.377 | 62.178 | 27.332 | 352.914 | 33.253 | 43.164 | 76.417 | 429.331 |
| | Ago | 17.266 | 231.395 | 19.045 | 62.513 | 27.324 | 357.543 | 33.344 | 43.988 | 77.332 | 434.875 |
| | Set | 17.827 | 232.181 | 19.056 | 63.179 | 27.444 | 359.687 | 33.554 | 44.175 | 77.729 | 437.416 |
| | Out | 17.742 | 233.138 | 18.740 | 63.874 | 28.166 | 361.660 | 33.914 | 43.983 | 77.897 | 439.557 |
| | Nov | 17.389 | 234.564 | 18.423 | 64.015 | 28.282 | 362.673 | 33.994 | 44.253 | 78.247 | 440.920 |
| | Dez | 17.088 | 232.108 | 18.407 | 64.139 | 28.110 | 359.852 | 33.802 | 44.009 | 77.811 | 437.663 |
| 2007 | Jan | 17.434 | 236.025 | 18.315 | 64.511 | 28.987 | 365.272 | 34.170 | 44.664 | 78.834 | 444.106 |
| | Fev | 17.328 | 238.744 | 18.275 | 65.044 | 29.477 | 368.868 | 34.480 | 44.930 | 79.410 | 448.278 |
| | Mar | 17.423 | 243.701 | 18.068 | 65.556 | 29.637 | 374.385 | 34.716 | 45.059 | 79.775 | 454.160 |
| | Abr | 17.515 | 250.664 | 18.642 | 65.932 | 30.670 | 383.423 | 35.316 | 46.744 | 82.060 | 465.483 |
| | Mai | 17.574 | 253.733 | 18.663 | 65.934 | 31.015 | 386.919 | 35.675 | 47.237 | 82.912 | 469.831 |
| | Jun | 17.971 | 257.776 | 19.191 | 65.957 | 30.874 | 391.769 | 36.212 | 47.886 | 84.098 | 475.867 |
| | Jul | 18.279 | 263.323 | 20.981 | 66.356 | 31.013 | 399.952 | 36.483 | 48.757 | 85.240 | 485.192 |
| | Ago | 18.684 | 269.648 | 21.305 | 66.869 | 31.888 | 408.394 | 37.037 | 49.104 | 86.141 | 494.535 |
| | Set | 19.171 | 275.782 | 21.493 | 67.488 | 32.413 | 416.347 | 37.717 | 50.035 | 87.752 | 504.099 |
| | Out | 19.576 | 281.165 | 21.717 | 67.673 | 33.281 | 423.412 | 38.523 | 51.061 | 89.584 | 512.996 |
| | Nov | 19.610 | 285.171 | 21.830 | 67.815 | 33.514 | 427.940 | 38.955 | 51.777 | 90.732 | 518.672 |
| | Dez | 19.455 | 283.778 | 21.474 | 67.965 | 33.106 | 425.778 | 39.049 | 51.231 | 90.280 | 516.058 |
| 2008 | Jan | 19.732 | 293.349 | 21.350 | 69.998 | 34.618 | 439.047 | 39.535 | 52.593 | 92.128 | 531.175 |
| | Fev | 20.043 | 298.727 | 21.679 | 72.131 | 35.661 | 448.241 | 39.785 | 53.773 | 93.558 | 541.799 |
| | Mar | 20.211 | 304.283 | 21.560 | 74.898 | 36.643 | 457.595 | 40.299 | 55.551 | 95.850 | 553.445 |
| | Abr | 20.556 | 311.737 | 21.618 | 74.472 | 37.901 | 466.284 | 41.227 | 57.528 | 98.755 | 565.039 |
| | Mai | 20.757 | 313.617 | 21.667 | 74.121 | 38.514 | 468.676 | 41.897 | 58.345 | 100.242 | 568.918 |
| | Jun | 21.165 | 319.289 | 21.709 | 74.648 | 38.999 | 475.810 | 42.836 | 59.872 | 102.708 | 578.518 |
| | Jul | 21.306 | 323.581 | 21.972 | 75.604 | 39.261 | 481.724 | 43.818 | 61.720 | 105.538 | 587.262 |
| | Ago | 21.438 | 327.914 | 22.397 | 78.345 | 39.923 | 490.017 | 44.976 | 63.817 | 108.793 | 598.810 |
| | Set | 21.699 | 331.199 | 23.082 | 79.294 | 39.803 | 495.077 | 46.302 | 65.720 | 112.022 | 607.099 |
| | Out | 21.686 | 333.763 | 23.292 | 78.819 | 39.414 | 496.974 | 46.966 | 66.418 | 113.384 | 610.358 |
| | Nov | 21.748 | 332.800 | 23.487 | 76.733 | 39.554 | 494.322 | 47.241 | 66.785 | 114.026 | 608.348 |
| | Dez | 21.266 | 323.406 | 22.984 | 73.303 | 38.669 | 479.628 | 46.687 | 66.093 | 112.780 | 592.408 |
| 2009 | Jan | 21.459 | 327.302 | 22.711 | 74.649 | 39.661 | 485.782 | 47.297 | 66.986 | 114.283 | 600.065 |
| | Fev | 21.509 | 328.807 | 22.869 | 74.279 | 39.336 | 486.800 | 47.689 | 67.201 | 114.890 | 601.690 |
| | Mar | 21.489 | 332.580 | 22.521 | 76.122 | 39.743 | 492.455 | 48.122 | 67.823 | 115.945 | 608.400 |
| | Abr | 21.865 | 338.401 | 22.374 | 74.973 | 40.512 | 498.125 | 49.191 | 68.428 | 117.619 | 615.744 |
| | Mai | 21.820 | 338.949 | 22.404 | 75.370 | 40.988 | 499.531 | 49.475 | 68.733 | 118.208 | 617.739 |
| | Jun | 21.925 | 341.705 | 22.198 | 75.181 | 41.450 | 502.459 | 50.020 | 68.732 | 118.752 | 621.211 |
| | Jul | 22.283 | 347.959 | 22.045 | 76.685 | 42.537 | 511.509 | 50.494 | 69.092 | 119.586 | 631.095 |



**NO MUNDO DOS NEGÓCIOS,
CONTAR COM O CONHECIMENTO
DA FGV PROJETOS
É UMA EXCELENTE SOLUÇÃO.**

FGV Projetos. Todo o conhecimento da FGV a seu favor.

Contar com a FGV Projetos é contar com o conhecimento gerado nas Escolas e Institutos da Fundação Getúlio Vargas e ter à disposição os melhores profissionais do país. Afinal, a FGV não só forma os melhores profissionais, como também ajuda a formar as melhores organizações.

www.fgv.br/fgvprojetos



**FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS**
FGV PROJETOS

Mais conteúdo,
melhores soluções.